

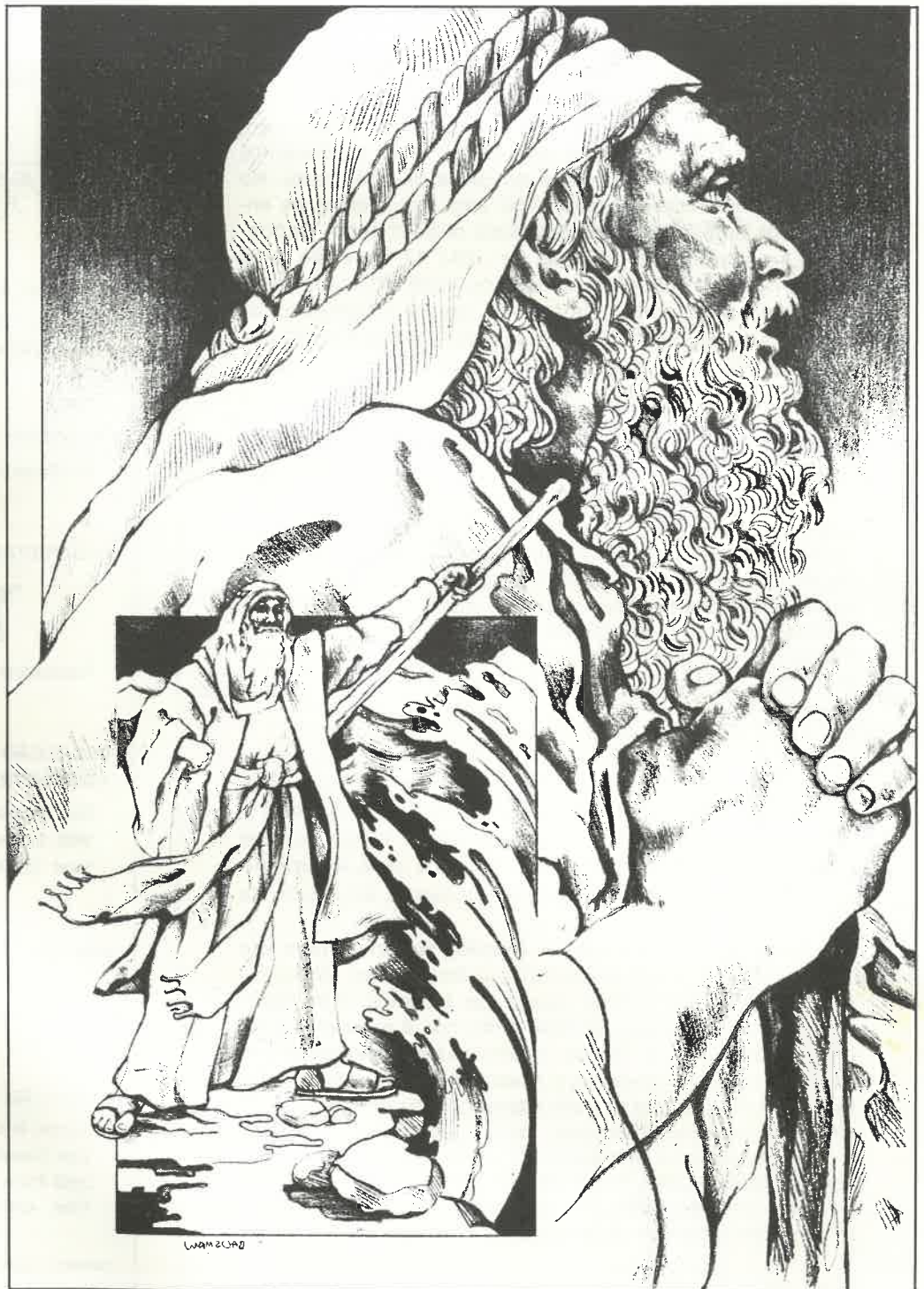
Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

OUTUBRO / 1985

Mensagens
para a
Semana de
Oração
23 a 30 de
Novembro
de 1985

Tema geral:
Lições da
História
Sagrada



Mensagens para a Semana de Oração

Este ano tem sido maravilhoso para a igreja de Deus. Quando milhares de crentes se reuniram para a sessão da Conferência Geral em Nova Orleães, sentiu-se a presença do Espírito Santo. As decisões que nessa altura foram tomadas revelam tanto o amor de Deus pela igreja remanescente como o cuidado que Ele tem em conduzi-la.

A sessão deu-nos uma pequena amostra do que será quando nosso Senhor voltar para o Seu povo e passarmos a conviver uns com os outros no céu e na nova terra. No entanto, terminada a sessão, mais uma vez tivemos de enfrentar os problemas e perplexidades deste mundo. Ocorrer-nos, a propósito, as palavras de João 17:15: «Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.»

Como poderemos manter viva aquela vibrante experiência que alguns de nós partilharam em Nova Orleães e que o plano dos Mil Dias de Colheita gerou nas nossas igrejas em todo o mundo? Em parte, recordando a maneira como Deus tem fielmente conduzido a Sua igreja, pois «nada temos a recear do futuro, a não ser que nos esqueçamos do modo como Deus nos tem conduzido e dos Seus ensinamentos na nossa história passada.» — *Life Sketches*, pág. 196. Os temas para a Semana de Oração deste ano centram-se na condução divina, especialmente dos filhos de Israel durante o êxodo do Egito. Esperamos que, estudando estas mensagens, possais tomar novamente consciência dos nossos privilégios e oportunidades quando respondemos e colaboramos com o Espírito Santo na Sua oração de conduzir a igreja. Há já demasiado tempo que o moderno Israel se encontra no deserto. Há demasiado tempo que a vinda do nosso Salvador tem sido protelada.

Por causa desta demora, muitos professos seguidores de Deus se têm deixado envolver pelas seduções da imoralidade, do adultério e do divórcio. Por causa da televisão, o desporto comercializado e divertimentos de toda a espécie ocupam cada vez mais do nosso tempo e cada vez menos tempo tem sido dedicado à devoção pessoal, ao estudo da Bíblia e ao culto da família.

Durante esta Semana de Oração, apelamos para um reavivamento e total consagração a Deus. Ellen White resume aquilo que o Senhor deseja que façamos: «Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Procurar alcançar este objectivo deve ser a nossa primeira tarefa. ... Um reavivamento apenas se pode esperar como resposta à oração.» — *Selected Messages*, livro 1, pág. 121.

Supliquemos a Sua ajuda no nosso reavivamento, acreditemos que a vamos ter, e então aceitemos o repto que hoje nos é lançado. Não nos deixemos satisfazer com nada menos que uma completa união com o nosso Salvador.

Pensamento do mês:

«Deus excluiu Moisés de Canaã, a fim de ensinar uma lição que jamais deveria ser esquecida — de que Ele exige estricte obediência, e de que os homens devem acautelar-se em não tomarem para si a glória que é devida ao seu Criador.»

Ellen G. White

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro 1985

Ano XLVI • N.º 469

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18

2686 Sacavém Codex

Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual 450\$00

Número Avulso 45\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

Recordando o Passado

Por ELLEN G. WHITE

«O Senhor arrancou um povo da pedreira deste mundo,... e a cada passo lhe tem mostrado que o está conduzindo.»

Passando em revista a história do nosso povo, depois de percorrer cada passo, avançando até à posição em que nos encontramos, posso dizer: Graças a Deus! Vendo o que o Senhor tem realizado, sinto-me invadida de admiração e confiança em Cristo como dirigente. Nada temos a recear quanto ao futuro, a não ser que nos esqueçamos do modo como Deus nos tem conduzido e dos Seus ensinamentos na nossa história passada.¹

O acto de recordar a maneira como Deus nos tem tratado fará reviver a fé e a esperança no coração do povo de Deus. «E esta é a mensagem que d'Ele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há n'Ele trevas nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com Ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, Seu filho, nos purifica de todo o pecado.» (I João 1:5-7)

Não teremos que dar um testemunho escuro, sombrio, se andarmos na luz como Ele também está na luz. Precisamos de apresentar ao povo a maneira como Deus nos conduziu no passado e relatar as Suas maravilhosas obras em favor do Seu povo. «Lembra-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições» (Heb. 10:32). «Porque povo santo és ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu, para que fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há. O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; mas porque o Senhor vos amava» (Deut. 7:6-8). ...

A igreja de Cristo neste mundo deverá ser uma grande força, um nome e um louvor em toda a terra. Jesus fez tudo para conseguir este fim. Agora há necessidade de um esforço fervoroso, profundo e sincero para remir a nossa infidelidade do passado. Tem-se perdido tempo, um tempo precioso, em desvios e afastamentos de Deus. Cada carácter terá de ser pesado na balança do santuário; se o carácter moral e o progresso espiritual não corresponderem

às oportunidades e bênçãos, então, ao lado do respectivo nome, será escrito: «em falta». ...

Todos os que pretendem ser filhos de Deus devem procurar diariamente a razão da sua crença, examinando as Escrituras por si mesmos. Aqueles que humildemente estudarem o carácter de Jesus reflectirão cada vez mais a Sua imagem. A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como um acontecimento para o futuro, mas é privilégio da igreja que esse acontecimento se realize agora. Procurai que isso aconteça, orai nesse sentido, acreditai que assim é. Precisamos de consegui-lo e o Céu espera para no-lo conceder.

Uma Cabeça Espiritual

Muitos falharam em enfrentar as suas responsabilidades e privilégios. Por quanto tempo continuará esta indiferença e insensibilidade? Por quanto tempo hão-de as divergências dividir a igreja? O Senhor Jesus é a única Cabeça espiritual e nós somos os membros do Seu corpo. A igreja é apresentada como crescendo «em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para a sua edificação em amor» (Efés. 4:15, 16).

Não poderemos nós orar mais fervorosamente sobre este assunto, para que o Espírito Santo de Deus estimule o discernimento do Seu povo, a fim de que este veja que, pondo de lado a inveja, as ruínas suspeitas, os ciúmes, possa atender a oração de Cristo, de que os Seus discípulos sejam um, como Ele é um com o Pai? Será que os sentidos daqueles que dizem acreditar na verdade se encontram paralisados? Não vêem eles que negam Cristo? Não compreendem que se extraviam d'Ele agindo como se não tivessem importância estarem em desacordo e envolverem-se em controvérsia? Um irmão olha friamente outro irmão, um pregador desconfia doutro pregador. A igreja parece ter perdido o elemento de união que é atributo do amor e os seus membros não revelam maior coesão do que aquela que existe num frágil castelo de areia. E no entanto a grande crise do dia de Deus está às portas.

Qual é a razão deste egoísmo e estreiteza de espírito? Que significa esta satisfação própria, esta disposição para destruir em vez de construir? A verdade não está santificando a alma, tornando todos os pensamentos sujeitos à obediência a Cristo. Muitos apegam-se à sua independência, escolhendo o seu próprio caminho, mas não o caminho e a vontade de

Deus. Em teoria, acreditam na verdade, mas não a recebem por amor a ela mesma, e a alma fica tão fria como um pedaço de ferro. Os que se santificam pela verdade serão um em Cristo Jesus. O sangue expiatório do Cordeiro de Deus une os corações solidamente uns aos outros. Os ramos são unidos à videira.²

O comportamento pecaminoso dos israelitas foi registrado como advertência para o povo de Deus que hoje vive sobre a terra. Muitos olham para o Israel antigo e ficam surpreendidos pela sua descrença e constantes murmurações, depois de Deus lhe ter dado tantas e repetidas vezes prova do Seu amor e cuidado. Pensam que eles próprios não poderiam ter sido tão ingratos. Mas alguns dos que assim pensam murmuram e queixam-se por coisas de muito menor importância. Não se conhecem a si mesmos. Deus prova-os frequentemente e experimenta a sua fé em pequenas coisas; e eles não suportam a provação melhor do que o fez o Israel antigo.

Muitos têm o presente assegurado, no entanto não confiam em Deus para o futuro. Manifestam descrença e afundam-se em desânimo e melancolia. Muitos estão continuamente preocupados com o receio de virem a passar necessidades e de os seus filhos poderem vir a sofrer. Quando surgem dificuldades ou se vêm em situações de aperto — quando a sua fé e amor a Deus são postos à prova — recuam perante a provação e murmuram contra o processo que Deus escolheu para os purificar. O amor desses tais não se revela puro e perfeito, para suportar todas as coisas. A fé do povo do Deus do céu deve ser forte, activa e resistente — a substância das coisas que se esperam. A sua linguagem deve ser: Exalta o Senhor, ó minha alma, e tudo o que está em mim bendiga o Seu santo nome; pois Ele tem-se mostrado magnânimo para comigo.³

Uma Vantagem e uma Advertência

As repetidas murmurações dos israelitas e as manifestações da ira divina por causa das suas transgressões foram registadas na história sagrada em proveito do povo de Deus que viria depois a viver nesta terra; mas mais especialmente para servir de advertência aos que haveriam de viver no fim dos tempos. Também os seus actos de devoção, a sua energia, a liberalidade com que puseram à disposição de Moisés as suas generosas ofertas, foram registados como exemplo para todos os que verdadeiramente amam e adoram Deus. Se o povo de Deus aprecia a bênção da Sua sagrada presença, então manifestará zelo e liberalidade na preparação duma casa onde se possa encontrar com Ele duma forma particular. E o seu interesse nesta obra será tanto maior do que aquele manifestado na preparação de habitações pessoais, quanto as bênçãos celestes são consideradas de maior valor do que o conforto terrestre.⁴

Com a poderosa alavanca da verdade, o Senhor arrancou um povo da pedreira deste mundo, do mesmo modo que arrancou do Egito um povo para

observar os Seus mandamentos; e a cada passo lhe tem mostrado que o está conduzindo pelas veredas da verdade e da justiça. Enviou-lhe a Sua luz e os seus conselhos, dando-lhe instruções para construir instituições de ensino, fundar hospitais e casas publicadoras, e o êxito tem acompanhado o cumprimento destes planos. O dinheiro dos adventistas do sétimo dia não tem sido entesourado de maneira a lhes garantir uma vida de facilidades, mas a sua história tem sido marcada pela abnegação e sacrifício, todavia a sua obra deve ser progressiva e agressiva.

Há uma luz constantemente a brilhar sobre o mundo, por causa deste povo que honra Deus observando os Seus mandamentos. Como poderemos então esperar que possa ser verdadeira uma mensagem que atribua a designação de Babilónia ao povo por quem Deus tanto tem feito? O inferno ficaria triunfante se tal mensagem fosse bem recebida e o mundo seria fortalecido na sua iniquidade. Todas as acusações que Satanás tem lançado sobre o carácter de Deus teriam a aparência de verdade e chegar-se-ia à conclusão de que Deus não possui nenhuma igreja organizada no mundo. Seria um grande triunfo para Satanás e toda a sua confederação do mal. Deus não trabalha desta maneira.⁵

Muitos vêm na economia judaica uma idade de trevas. Receberam a ideia errada de que o arrependimento e a fé não faziam parte da religião hebraica, a qual, segundo eles, consistia unicamente de formas e cerimónias. Porém, os filhos de Israel eram salvos por Cristo tão virtualmente como o pecador dos nossos dias. Pela fé, viam Cristo naqueles tipos e símbolos que apontavam para o Seu primeiro advento e morte, quando o tipo se deveria encontrar com o antítipo. Alegravam-se com um Salvador que viria e era representado pelas ofertas sacrificais, do mesmo modo que hoje nos alegamos com um Salvador que já veio. O que era uma esperança para o Israel antigo é uma certeza para o Israel moderno. O Redentor do mundo estava em íntima ligação com o Seu povo daquela época, sendo encoberto por uma coluna de nuvens. Não digamos então que não havia Cristo na era judaica. O apóstolo inspirado escreve: «Pela fé Moisés... recusou ser chamado filho da filha de Faraó; ... tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito» (Heb. 11:24-26).

A ordem dada a Moisés para santificar o povo trouxe sobre ele uma grande responsabilidade. Ele deveria apontar-lhes fielmente os erros passados, para que pudessem, pela humilhação, oração e jejum, purificar os seus corações da mancha do pecado, assim como purificar-se de todas as impurezas exteriores. Quando os filhos de Israel faziam tudo o que lhes era possível para se libertarem da corrupção da carne e do espírito, faziam a mesma coisa que Deus quer que façamos hoje se quisermos entrar em íntima comunhão com Ele. Por mais severa e apertada que seja a batalha para vencer os maus hábitos e indulgências pecaminosas, tem de ser travada, e a vitória tem de ser ganha. Uma vez posto em exercício o poder da vontade, tem de haver uma confiança firme em Cristo. Quando Israel passou sede no deserto

e se entregou a pecaminosas murmurações, Cristo foi para ele o que é hoje para nós, um mediador compassivo, e perdoou as suas transgressões. Depois de o homem ter feito tudo o que podia para purificar o templo da sua alma, então o sangue de Cristo, só por si, terá utilidade para nós, tal como o sangue simbólico de Cristo era útil ao antigo Israel.⁶

O Senhor, no seu trato com os filhos de Israel, sempre exaltou perante eles a Sua lei, prometendo-lhes ricas bênçãos se cumprissem os Seus preceitos. E quando permitiu que fossem vencidos pelos seus inimigos, foi porque queria que eles se aproximassem mais de Si e encontrassem n'Ele o seu amigo e refúgio. Porém a ingratidão e a revolta dos israelitas, o seu desprezo pelas restrições e reprovações divinas, a perseguição que moveram àqueles a quem Deus enviou para os salvar de maior degradação e ruína, o seu retorno à idolatria, a sua dureza e impenitência de coração, seguindo um caminho escolhido por Satanás, em vez do caminho de obediência na vereda da verdade e da verdadeira santidade, tudo isso fez recair a miséria sobre eles. Quando experimentaram a dor e a amargura da escravidão, sofrendo sob a cruel tirania dos ímpios e clamaram a Deus, Ele ouviu-os e compadeceu-Se deles. Não os expulsou. Não permitiu que se extinguissem. Interveio repetidamente em seu favor, como só Deus pode fazer, a fim de conseguir atraí-los para uma relação mais íntima com a Sua pessoa.

A Igreja Acreditou em Fábulas

Assim tem sido a história do povo de Deus desde a queda de Adão. A igreja voltou as costas à Sua lei e seguiu fábulas de imaginação humana. Os seus requisitos têm sido com frequência considerados em função das conveniências, e os homens têm obedecido ou deixado de obedecer segundo os ditames do negócio ou da própria inclinação pessoal. Mas o Senhor cumpre aquilo que diz e os homens não podem pôr impunemente de parte a Sua lei. Ele não dará hoje menos importância a qualquer transgressão do que quando pronunciou sobre Adão a Sua sentença.

Também o nosso Salvador ergueu a Sua voz em protesto contra aqueles que consideram os mandamentos divinos com menos cuidado ou com indiferença. Declarou Ele: «Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus» (Mat. 5:19).

No entanto Deus, em vez de destruir uma raça pecaminosa, deu o Seu Filho para morrer por ela. O Seu próprio povo tem sido inconstante e rebelde, e Deus tem sido obrigado a reter grandes bênçãos que desejaria conceder aos seus filhos, porque estes decidiram escolher os seus próprios caminhos. Mas está sempre pronto a ouvir as suas orações, perdoar as suas transgressões e fazer-lhes bem, quando, com a alma contrita, voltam para Ele. O Salvador também está cheio de compaixão e de amor. Nunca rejeita um pecador verdadeiramente arrependido, por

maior que seja a sua culpa. Mas requer obediência estrita. «O pecado é iniquidade [ou transgressão da lei]» (I João 3:4); e Jesus morreu, o justo pelo injusto, o inocente pelo culpado, para que o prestígio da lei de Deus pudesse ser preservado, e mesmo assim o homem ser de novo beneficiado pelo favor do céu. Por meio do arrependimento, pela fé e pela obediência, este pode aperfeiçoar um carácter justo, e, pelos méritos de Cristo, tornar-se um filho de Deus.⁷

Referências

- 1 *Life Sketches*, pág. 196.
- 2 *Review and Herald*, 19 de Março de 1895.
- 3 *Signs of the Times*, 8 de Abril de 1880.
- 4 *Ibid.*, 24 de Junho de 1880.
- 5 *Review and Herald*, 3 de Outubro de 1893.
- 6 *Signs of the Times*, 22 de Abril de 1880.
- 7 *Ibid.*, 15 de Outubro de 1896.

Perguntas para Discussão

1. Poderemos ganhar alguma coisa demorando-nos em considerações sobre o passado?
2. Como podemos atender a oração de Cristo?
3. Em que aspectos está a igreja de hoje melhor do que o Israel antigo?
4. Em que aspectos se encontra pior?
5. Comparar a salvação de hoje com a salvação no tempo de Israel.

Operação Intercessão

3.º Trimestre de 1985

Temas Para Oração

Divisão Euro-Africana

Programas de Rádio na Divisão Euro-Africana

[Número de estações que a Igreja possui: 18

Número de estações que cooperam conosco: 28]

Obra Adventista na Checoslováquia

[População: 15 314 000.

Membros de Igreja: 7 643

Igrejas: 168]

União Portuguesa

Jovens nos Acampamentos Advenstistas

Actividades Evangelísticas no Verão

Debaixo do Sangue

Por JOHN J. CARTER

Cada um de nós fez pesar a sua carga de pecado sobre Cristo na cruz. E a cada um se oferece vida e reconciliação.

Quase toda a gente acredita que existe mérito no comportamento humano. Contrariamente, as Escrituras declaram a falência espiritual de todas as obras humanas e ensinam que a salvação está dependente da morte de um Homem que viveu há 2 000 anos. Esta verdade bíblica, raramente compreendida, é magnificamente ilustrada por três experiências israelitas — a Páscoa, o ritual do santuário e a serpente de bronze. Notemos cada uma delas no contexto da salvação unicamente pela graça.

O ritual da Páscoa teve origem imediatamente antes de os hebreus terem deixado o Egipto. O Senhor ordenou-lhes que sacrificassem um cordeiro e colocassem algum desse sangue nas ombreias da porta de cada casa (Êxodo 12:3, 7, 12, 13). Quando o anjo executor do juízo passasse pela terra, veria o sangue e «passaria por alto» aquela casa. Os lares não protegidos pelo sangue do cordeiro sofreriam a ira de Deus. O seu primogénito seria morto. Paulo declara que o cordeiro da páscoa representava Jesus Cristo. «Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós» (I Cor. 5:7).

Deste modo, vemos no antigo drama da Páscoa um símbolo de Cristo sacrificado para nossa protecção e preservação. Vemos grande esperança e conforto para o Israel moderno que hoje vive sob a ameaça das sete últimas pragas. O povo de Deus dos últimos dias estará abrigado da ira divina apenas se confiar inteiramente nos méritos do sangue do Cordeiro de Deus (Apoc. 7:13, 14).

É significativo que o Senhor não tenha ordenado ao Seu povo que pregasse a lei nas ombreiras das suas portas. Nenhum de nós chegará salvo ao

lar escalando as oscilantes encostas do Monte Sinai. A segurança e a salvação encontram-se noutra montanha — o Monte Calvário, onde Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.

Recentemente, um cavalheiro judeu assistiu a uma série de reuniões evangelísticas que eu dirigi em Sydney, na Austrália. Após algumas palavras de apresentação, ele retirou da algibeira superior do casaco um precioso símbolo da sua fé judaica, uma parte da lei de Deus escrita em pergaminho. À medida que as reuniões foram avançando ele descobriu que, embora a Torah seja de grande e duradouro valor, existe alguma coisa que ofusca o brilho da lei, assim como o Sol ofusca o brilho da Lua. Essa alguma coisa é o Filho de Deus, que habitou na carne de um judeu e morreu na cruz pelos nossos pecados.

Essa maravilhosa revelação da graça redentora de Deus, profeticamente retratada em Daniel 9:24-26, conquistou o coração daquele meu irmão judeu para Cristo. É agora um fervoroso cristão adventista do sétimo dia que não confia na lei para se salvar, mas no sangue do Cordeiro de Deus. Agora compreende as inspiradas palavras de Paulo, o ex-fariseu: «Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus. ... Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus» (Rom. 13:21-24). O sólido tema do profeta e apóstolo é que nunca ninguém poderá salvar-se pelas obras. Diz-nos ele: «todos... destituídos estão» (vers. 23). Esta expressão qualifica a vida até mesmo dos melhores cristãos. Até as nossas melhores obras são «destituídas da glória de Deus».

«Os serviços religiosos, as orações, o louvor, a confissão e arrependimento do pecado, partindo de *verdadeiros crentes*, ascendem como incenso para o santuário celeste, mas, passando através dos corruptos canais da humanidade, encontram-se tão conspurcados que, a menos que sejam purificados pelo sangue, nunca poderão ter valor diante de Deus. Não ascendem com pureza imaculada e, a não ser que o Intercessor, que se encontra à direita de Deus, apresente e purifique tudo pela Sua justiça, não podem ser aceitos por Deus.» — *Selected Messages*, livro 1, pág. 344. (o itálico é destaque nosso.)

Tenho visitado muitos cristãos nascidos de novo, que se aproximavam da morte a passos largos. Nunca ouvi nenhum deles, nesses momentos de sua realidade, fixar a sua esperança numa vida de boas obras. Aquele que vive mais perto de Deus não se



John J. Carter, evangelista australiano, é presentemente pastor da igreja de Wahoonga em Sydney, Austrália.

julga sem pecado, mas exclama, como Paulo: «Eu sei que em mim... não habita bem algum» (Rom. 7:18); ver *Actos dos Apóstolos*, pág. 561). A salvação, a protecção e a preservação para o Israel moderno encontram-se — exactamente como no tempo do antigo Israel — no sangue justificador do Cordeiro.

Ouvirei alguém insinuar: «Então a obediência é desnecessária?» Repare-se que Deus ordenou àqueles fugitivos escravos hebreus, não apenas que matassem o cordeiro, mas também que executassem cuidadosamente um ritual bem específico. «E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem. E naquela noite comerão a carne assada no forno, com pães asmos; com ervas amargas a comerão» (Êxodo 12:7, 8).

A fé na providência divina teria de ser expressa em actos de cuidadosa obediência. Não bastava que fosse derramado sangue inocente. O sangue deveria ser aplicado exactamente como Deus ordenara. Assim aprendemos que, embora sejamos salvos só pela fé, a fé que salva nunca se encontra só. A fé verdadeira faz-se sempre acompanhar pela obediência. Aquele que pretende a salvação enquanto transgredir voluntariamente a sagrada lei, está enganado e iludido (ver Mat. 7:21-23). A profecia prediz que nos últimos dias Deus terá um povo que, no meio da prevalente apostasia, preferirá morrer do que transgredir os mandamentos de Deus (Apoc. 12:17; 14:12).

Vivemos numa época de graça barata: A cruz de Cristo é objecto de descontos no mercado e a sagrada lei de Deus está marcada a preços de saldo. Dietrich Bonhoeffer, pastor luterano assassinado por nazis, escreveu: «A graça barata é o inimigo mortal da nossa igreja. Lutamos hoje pela graça dispendiosa. Graça barata significa graça vendida... como artigo de vendedores ambulantes. Os sacramentos, o perdão dos pecados e as consolações da religião são espalhados a preços reduzidos... Numa igreja assim, o mundo encontra uma cobertura económica para os seus pecados; não se requer nenhuma contrição, muito menos qualquer desejo sincero de libertação do pecado... Graça barata significa a justificação do pecado sem a justificação do pecador. ... Graça dispendiosa é o evangelho que tem de ser repetidamente procurado, o dom que tem de ser pedido, a porta à qual uma pessoa tem de bater. Tal graça é dispendiosa porque chama-nos a seguir, e é graça porque nos chama a seguir a Jesus Cristo. É dispendiosa porque custa ao homem a sua vida e é graça porque dá ao homem a única vida verdadeira. É dispendiosa porque condena o pecado e graça porque justifica o pecador. Acima de tudo é dispendiosa porque custou a vida do Filho de Deus.» — *The Cost of Discipleship*.

Deste modo a Páscoa proclama a doutrina da graça dispendiosa, implicando que, embora a protecção seja garantida só pelo sangue derramado, a aceitação desse acto gracioso resultará numa vida de sujeição total a Cristo.

O Ritual do Santuário

A grande mensagem do santuário, tal como a

Páscoa, é a salvação através do sangue. No ritual dos serviços do antigo Templo, encontravam-se todos os elementos vitais da salvação. No interior do Lugar Santíssimo encontrava-se a arca, receptáculo dos Dez Mandamentos, a lei que havia sido transgredida por todos (Êxodo 25:16; 31:18). Fora, no átrio — o símbolo deste mundo (Apoc. 11:2) — tremia o inocente animal cujo sangue quente iria pouco depois tingir as areias do deserto.

Qual o significado de tudo isto? Aqui o Criador pintava um quadro rubro da perdição, alienação e depravação humanas, e — a melhor de todas as notícias — a Sua graça redentora. O cordeiro no átrio representava Jesus, «o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (João 1:29). Nenhum homem ou mulher, nesses tempos antigos, se tornava justo perante Deus através da lei. Essa terrível lei da justiça absoluta apontava o pecado e pronunciava a culpa, mas era totalmente incapaz de salvar, purificar ou libertar.

A lei era como o espelho utilizado pelo plantador de cana de açúcar que regressa a casa depois dum longo dia passado a queimar e cortar a cana. Está coberto pelo pegajoso suco da cana, ao qual se fixaram dez milhões de partículas de pó e cinza. É um espectáculo de imundície. Porventura é o espelho que vai lavá-lo? Não, simplesmente declara que ele está imundo e fá-lo dirigir-se para a banheira! Assim a lei dentro da arca anunciava com sons de trombeta a imundície do pecador que, guiado pelos dez escaldantes chicotes daquela lei abrasadora, encontrava no sangue do Cordeiro a purificação e o perdão para os seus pecados.

A mesma coisa se passa hoje. A principal função da lei é revelar o pecado. (Ver Rom. 7:7-13, onde Paulo, baseando-se na sua própria experiência, descreve o aparecimento da lei com a sua amarga revelação da imperfeição humana.) A lei não pode salvar, purificar nem perdoar. Mas através do ministério do Espírito Santo ela desmascara o meu pecado em toda a sua vergonha e degradação. Tem também outra finalidade, que é a de apontar para Cristo, o único que pode fornecer o bálsamo curativo do evangelho (ver Gál. 3:24). Ela diz: «Pecaste e mereces a morte, mas olha bem! Tens aqui um Substituto.» Deste modo, levado pela aflição e pelo desespero gerados pela lei, dirijo-me a Cristo tal como estou, com todos os meus pecados. Cristo aceita-me e purifica-me com o Seu sangue. É essa a boa nova do evangelho.

Não se pense, entretanto, que o antigo pecador, salvo pelo sangue do cordeiro, ficava livre para seguir o seu caminho de desobediência voluntária. Era salvo para uma vida de amor e total submissão. Assim a graça do santuário era graça dispendiosa. Quando venho, como os pobres leprosos do tempo de Jesus, tal como estou, não continuo tal como estou. A graça modifica-me de modo que, a partir de então, aborreço o pecado que causou a morte do Filho de Deus, e deleito-me na lei que foi guardada no Lugar Santíssimo.

O relato histórico é invulgar, até assustador. Quando atravessavam o deserto, os rebeldes israelitas

foram atacados por serpentes ardentes cuja mordedura provocava uma morte atroz. Moisés mandou colocar sobre um poste uma serpente de bronze. Depois disse a todos os moribundos que olhassem para aquele repelente objecto. Aqueles que olharam foram imediatamente curados (Números 21).

Jesus esclareceu que a serpente colocada no poste o representava a Ele. «Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado» (João 3:14; ver também *Patriarcas e Profetas*, pág. 454). Mas porquê uma serpente? Porque não um cordeiro? Porque a serpente é o símbolo do pecado, e Cristo na cruz tornou-se pecado por nós. Deus, «àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós.» (II Cor. 5:21). Quando o Juiz de toda a terra exclamou: «Onde se encontra o pecado para que Eu o possa punir?» Cristo respondeu: «Aqui, Pai, que os juízos da Tua ira recaiam sobre Mim.» À vista de um Deus santo e justo, Aquele que não tinha pecado tornou-se um substituto para os pecados da humanidade. A cruz não é um espectáculo atraente, mas é a maneira de Deus salvar os perdidos.

Cada um de nós, como aqueles israelitas rebeldes da antiguidade, foi mordido pela antiga serpente

chamada o diabo e Satanás. Sobre cada um de nós pesa a sentença de morte (Rom. 5:12-19; 6:23). Cada um de nós fez pesar a sua carga de pecado sobre Cristo na cruz. E a cada um se oferece vida e reconciliação.

«Como?» — perguntareis vós. Pelo olhar, o acto, de fé. Temos que olhar *agora*, e que aceitar *agora* o dom que nenhum esforço humano pode merecer, o dom que concede vida, segurança, protecção, perdão, e cura. O dom da graça é nosso *agora*, se tão-somente nos aproximarmos d'Ele com fé, Ele que foi simbolizado pelo cordeiro e também pela serpente. «Olhai para Mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque Eu sou Deus, e não há outro.» (Isa. 45:22). O nosso principal dever não é trabalhar, mas olhar.

Perguntas para Discussão

1. Porque não nos podemos salvar pelas obras?
2. Que parte desempenha a obediência na salvação?
3. Definir «graça barata».
4. Que ensina o santuário acerca da salvação?
5. Mencionar várias lições a retirar da serpente erguida no deserto.

Segunda-feira, 25 de Novembro

Avançai

Por GERALD J. CHRISTO

A resposta da igreja aos desafios actuais deve ser idêntica à dos filhos de Israel nos dias de Josué.

Em duas ocasiões diferentes, primeiro no início da jornada quando saíram do Egipto e, novamente, no limiar da Terra Prometida, os filhos de Israel estiveram reunidos nas margens de um rio. Ao saírem do Egipto enfrentaram a perseguição de Faraó e seu exército, e o Mar Vermelho que lhes tornava impos-

sível o escape. Ao chegarem junto do Jordão, a experiência de descrença, murmuração, fracasso e a vitória do deserto estava para trás, enquanto o inimigo estava ainda na sua frente.

À beira do Mar Vermelho, quando viram os perseguidores egípcios, os israelitas esqueceram a miraculosa libertação das pragas, a salvação do massacre da meia-noite e a saída a salvo do Egipto. Em vez de se lembrarem das promessas de Deus, preferiram ter sido sepultados no Egipto. Na margem do Jordão, obedeceram voluntariamente à ordem do Senhor para fazerem a travessia e erguerem um memorial que celebrasse o livramento.

No Mar Vermelho, a presença de Deus foi simbolizada por uma coluna de nuvens durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite. No Jordão, Deus manifestou a Sua presença pela arca do concerto.

Duas Libertações

Foi por meio de duas milagrosas libertações que Deus procurou aplicar o Seu selo de aprovação sobre o povo que tinha escolhido. E escolheu também



Gerald J. Christo é presidente da Divisão Sul-Asiática.

um grande homem para chefiar Israel na conquista da Terra Prometida: «corajoso, resoluto e perseverante, expedito, incorruptível, despreocupado de interesses egoísticos nos seus cuidados pelos que se acham confiados à sua guarda, e, acima de tudo, inspirado por uma fé viva em Deus» (*Patriarcas e Profetas*, pág. 508).

Devido aos obstáculos aparentemente insuperáveis do Mar Vermelho, Israel via na coluna de nuvens não um símbolo da presença de Deus mas como que um mau presságio. Moisés sabia «que estavam encurralados num local do qual não havia possibilidade de se libertarem a não ser que o próprio Deus interviesse para os salvar; mas tendo chegado até ali em obediência às ordens divinas, não teve receio das consequências.» — *Signs of the Times*, 1 de Abril de 1880.

A sua certeza baseava-se numa confiança total nas promessas divinas, exercitada em horas de oração secreta. Durante uma dessas ocasiões, Deus falou: «Porque clamais a Mim? Diz aos filhos de Israel que marchem» (Êxodo 14:15). Voltou-lhes a esperança quando viram a coluna colocar-se entre eles e as hostes de Faraó. Moisés estendeu o seu braço sobre o mar. Um vento forte fez que as águas se dividissem e «pela fé passaram o Mar Vermelho, como por terra seca; o que, tentando os egípcios, se afogaram» (Heb. 11:29).

Falando acerca destas experiências, o apóstolo Paulo lembra-nos que «tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já estão chegados os fins dos séculos» (I Cor. 10:11). Logo na primeira prova de fé na palavra de Deus, os israelitas vacilaram. Duvidaram da chefia de Moisés. Duvidaram da origem da sua missão, aparentemente pensando haver seguido «fábulas artificialmente compostas.» Na sua confusão, perderam de vista as suas raízes e também a esperança de alguma vez atingirem a Terra Prometida.

Mas por intermédio da humilde, desprezenciosa, e no entanto corajosa, chefia de Moisés, e mais tarde por Josué, Deus transformou o desastre em triunfo.

Estas duas experiências tiveram considerável impacto sobre os filhos de Israel e sobre as nações ao seu redor. O Deus de Israel interviu a favor duma multidão heterogênea de nómadas. Os ex-escravos dum implacável monarca inspiravam agora temor e respeito aos reinos da terra. Mesmo assim a caminhada desde a obscuridade até à vitória foi difícil, e essa dificuldade redobrou por causa da dúvida, do desespero e da desobediência dum povo por intermédio do qual Deus havia decidido demonstrar o Seu poder.

Hoje, o minúsculo e disperso remanescente do movimento millerita cresceu para se tornar a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os seus membros e programas, antes votados ao ridículo, são agora respeitados. Os seus ensinamentos suportaram a prova do tempo. Aqueles que voluntariamente atenderam aos conselhos dos profetas têm sido abundantemente abençoados. Em resposta a estes conselhos, a igreja

tem-se estendido até aos confins da terra, ganhando a reputação duma boa saúde, boas escolas, e boas obras. Há mais de um século, a mensageira do Senhor declarou: «Passando em revista a história do nosso povo, depois de percorrer cada passo, avançando até à posição em que nos encontramos, posso dizer: Graças a Deus! Vendo o que o Senhor tem realizado, sinto-me invadida de admiração e confiança em Cristo como dirigente. Nada temos a recear quanto ao futuro, a não ser que nos esqueçamos do modo como Deus nos tem conduzido e dos Seus ensinamentos na nossa história passada.» — *Life Sketches*, pág. 196.

Alguns Duvidam da Missão da Igreja

Desde o início, a igreja tem tido os seus detractores. Alguns dos que antes foram defensores da causa e deram um significativo contributo para o seu crescimento, desacreditaram mais tarde o sistema que ajudaram a construir e juntaram-se aos seus mais implacáveis críticos. Hoje, tal como no passado, alguns duvidam da missão da igreja e ridicularizam os seus ensinamentos. Muitos põem em dúvida que a Igreja Adventista seja realmente o remanescente. Como nos dias de Noé, existem aqueles que pensam ser pouco provável que Deus confiasse uma mensagem tão importante a pessoas de origem insignificante. Profetas de maldições têm reagido embaraçosamente a indiscrições financeiras e à existência de diferentes pontos de vista teológicos na igreja. A maravilhosa verdade do santuário, lançando luz sobre muitas doutrinas fundamentais, e que antes se considerava um símbolo da condução especial divina, é hoje olhada como uma espécie de pedra de museu. Outros estão preocupados com o abaixamento dos padrões e permissivismo nas instituições adventistas. Encontram falhas na direcção da Igreja, no estilo de vida dos seus membros e na qualidade do seu ministério.

Como nos dias de Moisés e de Josué, há dificuldades reais a que o povo de Deus tem de fazer face. A explosão demográfica troça dos nossos esforços para evangelizar todas as nações, línguas e povos do mundo. A inflação descontrolada e as flutuações do câmbio desafiam as nossas melhores tentativas de equilibrar o orçamento da igreja. Instabilidade política e desconfiança das actividades dos missionários tornam imensamente árdua a tarefa de evangelizar. Há um reavivamento de religiões não cristãs e de novos cultos que mobilizam a atenção de grandes multidões. Estes problemas e dificuldades são um sinal de que o fim de todas as coisas está próximo. «À medida que nos aproximamos do fim do tempo, haverá cada vez maior exibição do poder pagão; divindades pagãs manifestarão assinalado poder, e se exibirão perante as cidades do mundo.» — *Evangelismo*, pág. 704.

Apesar das condições internas da igreja e das forças externas mobilizadas contra o povo de Deus, há milhares que estão aceitando o testemunho do Seu amor e a salvação. Por cada porta fechada, re-

sultam novas oportunidades de vitórias sem precedentes. Todos os anos novas tribos em áreas isoladas da terra sacodem as algemas da superstição, da ignorância e da tradição para permitir que a luz do evangelho expulse as trevas da alma. Outros, cansados de carreiras materialísticas e velhas filosofias, têm encontrado esperança no convite de Jesus.

A Igreja tem de Avançar

O Senhor espera que a igreja toda avance de maneira ordenada, nunca duvidando da Sua palavra, tendo confiança nas Suas promessas. «Aqueles que confiaram em Deus e avançaram para o trabalho na força do Seu poder, encontraram sempre a deleitosa prova de que a sua confiança não tem sido em vão. ... Levados a se envolver em empreendimentos muito além das suas forças e assumindo responsabilidades muito além dos seus recursos, não conhecemos um único caso em que não tenham recebido ampla prova da ajuda do seu Mestre e encontrado motivo para se maravilharem com a delicadeza e magnanimidade que Ele fez recair sobre as suas posições.» — *The Expositor's Bible*, vol. 3, pág. 104.

Satanás colocará todas as barreiras que puder no caminho do povo de Deus. Não renunciará ao seu domínio sem resistência. Mas o Senhor prometeu força para ultrapassar estas dificuldades. Quanto maior a dificuldade, maior será a vitória, e maior a força do testemunho. Aos que duvidam e desanimam não se deve permitir que diminuam a missão da igreja. Aqueles que continuamente respiram o miasma do desespero não fazem mais do que atrair os demónios para o seu redor. «Sobrevirão provas; mas prossigue avante. Isto fortalecerá a tua fé e te preparará para o serviço. Os registos da História Sacra estão escritos, não meramente para que possamos ler e maravilhar-nos, mas para que a mesma fé que operou nos servos de Deus no passado possa operar em nós. De maneira não menos marcada o Senhor operará agora, onde quer que haja corações de fé para serem canais do Seu poder.» — *Profetas e Reis*, pág. 175.

As energias dos membros da igreja não devem ser desperdiçadas em projectos e empreendimentos favoritos. As comunidades de crentes que tão valorosamente têm reunido fundos para os campos missionários não ousam perder de vista a visão de um mundo perdido em pecado, lembrando-se de que a obra não será concluída nos seus países enquanto não for concluída em todas as partes do mundo. Os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia estabeleceram um plano de dar e repartir sistematicamente, que tem tornado possível levar a mensagem dos três anjos a todas as partes do mundo. Não é agora oportuno que indivíduos desperdicem a sua influência e recursos em entravar o impacto do testemunho da igreja.

O Perigo de Adiar

Muitos sentem-se bem com tudo tal como está.

Progredir exige demasiado esforço. Outros esperam por circunstâncias mais favoráveis. «Os obstáculos que embarçam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito que se detém ou duvida. Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça, e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 290.

As circunstâncias nunca vão melhorar. O espectro do conflito, perseguição, infidelidade, mundanismo, condições económicas instáveis, e diferenças doutrinárias continuará a ameaçar o povo de Deus, tendendo para o desanimar. Mas não devemos ter dúvidas quanto ao êxito da obra de Deus, nem perder o ânimo perante a nossa aparente fraqueza. Os problemas são um desafio para o nosso Chefe, que se deleita em encontrar soluções.

A resposta da igreja aos desafios actuais deve ser idêntica à dos filhos de Israel nos dias de Josué. «Tudo quanto nos ordenaste faremos, e onde quer que nos enviases iremos» (Josué 1:16). Grande é o contraste com a resposta do povo de Deus no Mar Vermelho! Nessa ocasião estavam amedrontados, com falta de fé, hesitando em avançar até que Deus deu um sinal do Seu poder. Na segunda travessia, a decisão foi imediata e firme. A certeza da intervenção de Deus em seu favor deu-lhes confiança. Josué aguardou o desenrolar dos planos de Deus. Os espias relataram que o inimigo estava à espera de ser desbaratado. Havia apenas o Jordão entre eles e a Terra Prometida.

Um Compromisso Necessário

Sob a direcção de Deus, Josué organizou uma estratégia. Porém cedo chegou à conclusão de que nenhuma estratégia teria utilidade a não ser que todas as pessoas se comprometessem em desempenhar a sua parte na tarefa. «Disse Josué também ao povo: Santificai-vos, porque amanhã fará o Senhor maravilhas no meio de vós» (cap. 3:5). A dedicação foi total e, com determinação, Israel seguiu a ordem do Senhor. «Frequentemente a vida cristã é assediada de perigos, e o dever parece difícil de cumprir-se. A imaginação desenha uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativoiro ou a morte. Contudo, a voz de Deus fala claramente «Avante!» Devemos obedecer a esta ordem mesmo que os nossos olhares não possam penetrar nas trevas, e sintamos as frias vagas em redor dos nossos pés.» — *Ibid.*

No Mar Vermelho e no Jordão, Deus assinalou a sua chefia por intermédio de Moisés e de Josué. Houve ainda outro momento em que a separação das águas do Jordão colocaram o Seu selo de aprovação sobre a pessoa escolhida para dirigir o Seu povo. Deus tinha revelado a Eliseu que o seu mestre teria de se ausentar em breve. Apesar dos repetidos convites para voltar para casa, Eliseu determinou que ficaria junto de Elias. Testemunhou a separação das águas do Jordão quando Elias enrolou a sua capa e bateu com ela nas águas. Com a capa de Elias agora colocada sobre si, Eliseu pediu a Deus um si-

nal da Sua aprovação. «E tomou a capa de Elias, que lhe caíra, e feriu as águas, e disse: Onde está o Senhor, Deus de Elias? Então feriu as águas, e se dividiram elas para uma e outra banda, e Eliseu passou» (II Reis 2:14).

Necessidade de um Som Claro e Distinto

Nestes últimos dias da história do mundo, a mensagem de Elias foi confiada à igreja remanescente, que tem anunciado a hora do Seu juízo durante 141 anos. O povo de Deus está esperando para entrar na posse da Terra Prometida. «Quando Deus abre o caminho para a consecução de determinada obra, e dá garantias de sucesso, a instrumentalidade escolhida deve fazer tudo o que estiver em seu poder para alcançar os resultados prometidos.» — *Profetas e Reis*, pág. 263. Nesta hora culminante em que as hostes da terra enfrentam uma decisão que decidirá o seu destino, a igreja de Deus deve fazer soar uma nota clara e distinta. O inimigo desejaria emudecer este testemunho a fim de seduzir todos quantos fosse possível para o seu reino.

Porém o Deus de Moisés, de Josué e de Elias é hoje o mesmo que operou grandes milagres para salvar o Seu povo. «Vamos nós esperar pelo cumpri-

mento das profecias do fim, antes de dizer alguma coisa acerca delas? Que valor terão nessa altura as nossas palavras? Deveremos esperar até que os juízos de Deus caíam sobre o transgressor antes de lhe dizermos como evitá-los?... Temos de ser canais consagrados, através dos quais a vida eterna deve fluir sobre os outros. O Espírito Santo animará e penetrará a igreja toda, purificando e unindo os corações.» — *Testimonies*, vol. 9, pág. 20.

O remanescente não pode perder tempo com barreiras, por causa do perigo ou da dificuldade. Não pode entreter-se com trivialidades, mas antes com resoluta decisão, inflexível dedicação e propositada determinação, deve seguir em frente, invocando as promessas de Deus.

Perguntas para Discussão

1. Comparar as atitudes do povo de Israel no Mar Vermelho e no Jordão sob o comando de Josué.
2. De que maneira a nossa igreja hoje se assemelha a Israel no Mar Vermelho?
3. De que está Deus à espera?
4. Qual é a estratégia de Satanás em relação à igreja?
5. Como poderá a igreja «atravessar o Jordão»?

Terça-feira, 26 de Novembro

«Arrogai-vos Demasiado»

Por HENRIQUE BERG

Os dirigentes e também os membros devem lembrar-se de que Deus está à cabeça da Sua igreja

«Arrogai-vos demasiado», disseram Coré, Datã e Abirão a Moisés. «Porventura pouco é que nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel, para nos matares neste deserto, senão que também totalmente te assenhoreias de nós?» (Núm. 16:3, 13).



Henrique Berg é presidente da União das Missões Incas, na Divisão Sul-Americana.

Com efeito, o que estavam dizendo era o seguinte: Estamos cansados de ti, Moisés. Já não podemos suportar-te por mais tempo. Assumes poderes de decisão e emites ordens que justificas como vindo do Senhor. Abusas do poder não o dividindo conosco, e ainda esperas que te obedeçamos cegamente. Acabou-se, Moisés! Toda esta congregação é santa, no entanto procedes como se fosse pecadora. Jeová está no meio de nós, mas não respeitas os Seus desejos. Porque te colocas a ti próprio sobre um pedestal de superioridade? Porque te exaltas acima dos restantes, tomando prerrogativas que não te pertencem?

Estas palavras sacudiram o mais calmo de todos os homens, Moisés. Os seus pacientes esforços para fazer o trabalho que Deus lhe confiara eram recompensados com inveja e falsidade. Humildemente procurara evitar ser o chefe de Israel, no entanto era agora acusado de ter tomado o comando pela força. Quanto mais fácil não era conduzir as ovelhas pelos campos do que chefiar um povo teimoso, insubordinado! A sua honra e lealdade eram mal interpretadas e desafiadas. E por quem? Pelo seu próprio primo

Coré — um dos 70 que tinham subido ao Sinai e visto a glória de Deus, um membro do sacerdócio levítico; por Datã e Abirão, da tribo de Rúben, primogênito de Jacob; e por 250 membros da assembleia, famosos na congregação, homens de renome (vers. 2).

Sempre, desde a partida do Egípto, o descontentamento e a insubordinação, em grande parte causados pela mistura de gentes que compunha a multidão, tinham flagelado os israelitas. Mas nunca se tinha visto uma revolta tão séria, envolvendo personalidades tão importantes e despertando tanta simpatia do povo. Terminou, porém, em tragédia.

Provas de Orientação Divina

Fora por meio de milagres do Todo-Poderoso que os israelitas conseguiram a libertação da escravidão e obtiveram a sua independência nacional. Sob a protecção divina atravessaram o Mar Vermelho e escaparam aos seus irados perseguidores. A coluna de fogo e de nuvens proporcionara-lhes luz e protecção, calor e orientação. Sobreviveram no deserto graças ao pão dos anjos — o maná. Testemunharam os resultados de Moisés ter falado com o Senhor face a face no Sinai. Ouviram a proclamação da lei e entraram numa relação de aliança com o Senhor. Mesmo assim com todas estas provas de estarem sob o comando d'Aquele que nunca falha, esqueceram-se de que Deus os estava conduzindo. «Em todas as suas peregrinações, os filhos de Israel sentiram-se tentados a atribuir a Moisés o trabalho que pertencia Deus.» — *The SDA Bible Commentary*, apontamentos de Ellen White sobre Núm. 20:7-12, pág. 1115. Esta estratégia de Satanás foi a causa do erro fatal dos israelitas.

Coré não teria podido obter tanto apoio da parte do povo, se não existissem outros factores a favorecer a revolta. Primeiramente, existia uma grande falta de fé. O povo encontrava-se na fronteira da Terra Prometida e já lá poderia ter entrado se não fosse pela sua falta de fé quando os espias fizeram o seu relatório. «Boa é a terra que nos dá o Senhor nosso Deus», disseram eles, mas «não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós» (Deut. 1:25; Núm. 13:31). Moisés insistiu: «Não vos espanteis, nem os temais. O Senhor..., Ele por vós pelejará.» Mais tarde acrescentou com tristeza: «Mas nem por isso creste» (Deut. 1:29, 30, 32). «Pela sua incredulidade foram quebrados» (Rom. 11:20).

Em virtude desta falta de fé, Deus prolongou por 40 anos a sua estadia no deserto. Esta decisão encontrou grande resistência e revelou uma segunda razão para a revolta: descontentamento com o plano divino por ser diferente dos planos pessoais do povo (Núm. 14:39-45).

Um terceiro elemento que contribuiu para a revolta foi a ambição. A Coré tinha sido dada a responsabilidade de transportar e conservar os móveis do tabernáculo (cap. 3:27-31; 4:15). Porém ele cobicava o sacerdócio reservado a Aarão e aos seus filhos (cap. 16:10, 40). Não achava razoável que os seus parentes fossem sacerdotes enquanto ele não o

era. Um quarto móbil da rebelião foi a bisbilhotice. Coré acampava próximo dos rubenitas Datã e Abirão, os quais também estavam descontentes porque julgavam ter direitos de descendência sobre a primogenitura que Rúben havia perdido. Pelas proporções da contenda, pode-se deduzir que tenha havido uma vasta rede de comunicações secretas com base em suposições, suspeitas, inveja, acusações e falsos juízos, tudo em nome da democracia e do bem-estar do povo.

E se havia mexeriqueiros, havia também quem os escutasse; o movimento encontrou eco entre todo o povo. Supuseram que Moisés utilizava artifícios para realizar os seus milagres, com o propósito de se manter no poder e se apoderar da sua riqueza. Concluíram que teriam de fazer qualquer coisa para modificar a situação. Todos estes sentimentos acabaram por explodir numa grande tragédia: «E a terra abriu a sua boca, e os tragou» (vers. 32). A distinção que Deus fez entre os instigadores e os simples revoltados mostra que instigar uma revolta, normalmente, não tem remédio.

Também nós nos encontramos na fronteira de Canaã. Aprendemos com a experiência de Israel. «Não existem ainda os mesmos males que jazem no fundamento da ruína de Coré? O orgulho e a ambição estão espalhados. ... Os hebreus não estavam dispostos a sujeitar-se às determinações e restrições do Senhor. ... Todo o progresso feito por aqueles a quem Deus chamou para tomar parte na Sua obra, tem provocado suspeita. ... Coré não teria seguido o caminho por onde foi, se tivesse sabido que todas as instruções e reprovações comunicadas a Israel eram de Deus. Ele podia, entretanto, ter sabido isto. Deus dera prova esmagadora de que estava guiando Israel. Mas Coré e seus companheiros rejeitaram a luz até se tornarem tão cegos que mesmo as mais notáveis manifestações do Seu poder não bastavam para os convencer; atribuíram-nas todas a operações humanas ou satânicas.» — *Patriarcas e Profetas*, págs. 403-405.

O apóstolo Paulo exortara: «E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós» (I Cor. 11:19). «E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos... desviem-vos deles» (Rom. 16:17). «Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas» (Filip. 2:14).

Atribuir ao homem aquilo que Deus faz é considerado muito grave à vista do Céu. A experiência de Moisés também o demonstra. Ele suplicou que lhe fosse permitido entrar em Canaã, mas o Senhor respondeu: «Basta; não me fales mais neste negócio» (Deut. 3:26).

Porquê um decreto tão severo? Qual fora exactamente o pecado de Moisés? Quando eu era criança, a minha mãe disse-me que Moisés, para tirar água para dar ao povo sedento, devia ter falado à rocha em vez de a ferir. O professor da minha escola disse-me que Moisés deveria ter ferido a rocha só uma vez e não duas. Mais tarde descobri eu próprio o que realmente estava implicado neste caso.

«Dizendo: 'Porventura tiraremos água desta rocha para vós?' Moisés disse virtualmente ao povo que este tinha razão em acreditar que ele próprio estava realizando as maravilhas que tinham sido feitas em seu favor. Isto tornou necessário que Deus provasse a Israel que aquilo que se pensava não tinha fundamento. ... A fim de afastar para sempre da mente dos israelitas a ideia de que era um homem que os conduzia, Deus achou necessário deixar morrer o seu chefe antes de entrarem na terra de Canaã.» — *The SDA Bible Commentary*, apontamentos de Ellen G. White sobre Núm. 20:7-12, pág. 1116.

Este perigo existe para todos os dirigentes da nossa igreja actual, a qualquer nível, seja da congregação, da associação, da união ou até da Conferência Geral. Quando um dirigente procede como se estivesse no lugar de Deus, o Senhor tem de o substituir, porque o povo tem de aprender a confiar na direcção divina. Todos os chefes devem dirigir a atenção, o afecto e a confiança do povo, não para si mesmos, mas para Deus. Uma expressão muito repetida na Bíblia é: «E saberão que Eu sou o Senhor seu Deus» (Êxodo 29:46).

**Cristo morreu, ressuscitou e
está vivo no céu para nos dar o
arrependimento, o perdão,
as vestes de justiça e o poder
transformador.**

Muitos de nós somos tentados a atribuir aos homens a glória, a honra, o crédito pelo êxito da obra. Também muitos de nós somos tentados a aceitar essa honra. É fácil dizer que o movimento adventista deve as suas origens a Miller, a Bates e aos Whites; que a mensagem chegou à Europa, à África e à Austrália, graças ao trabalho de Andrews, Robinson e Haskell; que através dos talentos humanos estamos pregando em mais de 500 línguas, em cerca de 200 países, e ganhando mais de 1000 almas por dia em todo o mundo. Porém a Bíblia diz: «Guarda-te para que te não esqueças do Senhor teu Deus... que te tirou da terra do Egipto... que te guiou por aquele grande e terrível deserto. ... Ele é o que te dá força para adquirires poder» (Deut. 8:11-18).

Também é muito fácil erguer a mão contra aqueles que Deus escolheu para suportarem responsabilidades administrativas e censurá-los pelas dificuldades e falhas que temos tido como povo. «Assim farei cessar as murmurações dos filhos de Israel

contra Mim,» declara o Senhor (Núm. 17:5). «Dificilmente poderão os homens cometer maior insulto a Deus do que desprezar e rejeitar os instrumentos que Ele deseja usar para a sua salvação.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 422. «Acusar e criticar aqueles que Deus está usando, é acusar e criticar ao Senhor, que os enviou.» — *Testemunhos para Ministros*, pág. 466.

É possível que alguns dos que estejam escutando estas palavras se tenham alguma vez esquecido de reconhecer Deus como condutor da Sua igreja. Muitos podem ter sentido dúvidas, insatisfação ou revolta contra pessoas ou situações que, na sua maneira de ver, não estejam bem. Talvez alguns dirigentes se tenham esquecido de mostrar que se deixam orientar pelo Céu.

Que deveremos fazer? Cristo morreu, ressuscitou e está vivo no céu para nos dar o arrependimento, o perdão, as vestes de justiça e o poder transformador.

Peguemos na nossa Bíblia para rever as nossas doutrinas, uma por uma. Vejamos como Deus guiou o Seu povo no passado. Confiemos os nossos rezeiros ao amante Pai e deixemos nas Suas mãos os assuntos que não compreendemos. Investiguemos os conselhos inspirados do Espírito de Profecia. Procuremos irmãos experientes e aceitemos os seus conselhos com espírito humilde, pronto a aprender. Sejamos honestos e sinceros, e não haverá razão para dúvida e má interpretação. Se Coré, Judas e Lúcifer tivessem seguido estes passos, quanta tragédia poderia ter sido evitada!

Para que Jesus possa voltar em breve, para que as tragédias humanas possam ter um fim, para que possamos entrar em Canaã, «Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer» (I Cor. 1:10). «Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz» (Efés. 4:1-3).

Perguntas para discussão

1. Que havia por trás da revolta de Coré, Datã e Abirão?
2. Explicar a atitude errada de Israel em relação com a chefia de Moisés.
3. Como é possível repetirmos os erros de Coré?
4. Porque não foi Moisés autorizado a entrar em Canaã?
5. Que deveremos aprender com a sua experiência?

Enfrentando a Tentação na Fronteira de Canaã

Por ALF LOHNE

Por cederem à tentação quando estavam mesmo para entrar na terra dos seus sonhos, muitos israelitas ficaram para sempre dela excluídos.

A história humana aproxima-se rapidamente do seu fim. Sabemos que assim é porque vemos cumprirem-se, uma após outra, as profecias divinas. Não é exagero fazer esta afirmação tão categoricamente. Jesus espera que o saibamos. Disse Ele: «Aprendeis pois esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabeis que... [o Filho do homem] está próximo às portas» (Mat. 24:32, 33).

O mundo que nos rodeia está também consciente de que se aproximam acontecimentos assombrosos. Seria fácil preencher esta leitura com citações de eminentes estadistas, de cientistas altamente qualificados, escritores modernos, estudantes de história e profecia que atestariam este facto. Repetidamente exprimem o receio de que alguma crise catastrófica venha brevemente pôr um fim brusco à história da humanidade. Este receio é bem patente na resposta de certo escritor quando lhe pediram que definisse a diferença entre o mundo da sua infância e o nosso mundo hoje. Definiu a diferença com a «ausência de um futuro!»

Porém os que acreditam que esse grande acontecimento prestes a ocorrer será a volta de Jesus a esta terra não o consideram como o fim mas, antes pelo contrário, como o princípio. Com a Sua vinda realizar-se-ão as nossas mais acalentadas esperanças e os nossos sonhos mais animadores. Jesus deu-nos o motivo da esperança que para nós é um tesouro: «Não se turbe o vosso coração; credes em Deus,

crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também» (João 14:1-3).

É quase bom de mais para ser verdade, mas é um facto — a perigosa viagem está a chegar ao fim. Não falta muito para que as portas do lugar celestial preparado para cada um de nós se abram completamente e os anjos de Deus nos dêem as boas vindas ao nosso novo lar. Não existe a menor dúvida de que assim é. Já se avista a fronteira do reino de Deus. É o momento de fazermos os últimos preparativos para entrarmos na Terra Prometida.

Estamos agora passando pelos últimos marcos da nossa peregrinação e sabemos que o último trecho da viagem é o mais difícil. A Bíblia e Espírito de Profecia indicam que tentações e enganos de toda a espécie se tornarão tão numerosos e atraentes que, «se possível fora, enganariam até os escolhidos» (Mat. 24:24).

Como poderemos ter a certeza de chegar a esse reino celeste? Onde conseguiremos a força para vencer as provas e descobrir as armadilhas? Como poderemos evitar desviar-nos do caminho? Existem respostas bastante claras para todas estas perguntas.

Deus Avisa-nos Hoje

O apóstolo Paulo faz menção de algumas das dramáticas experiências por que tiveram de passar os filhos de Israel quando estavam para entrar na Terra da Promessa. Depois acrescenta: «Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos» (I Cor. 10:11).

Esta declaração deve fazer-nos despertar e tomar consciência do que se está passando. Aqui temos uma mensagem especial destinada ao povo de Deus «para quem já são chegados os fins dos tempos.» Foi em nosso benefício que ficaram incluídas na Bíblia as experiências de Israel na fronteira de Canaã. Foi especialmente para nós que agora vivemos, quando se aproxima o fim do século XX e sabemos que estamos chegados aos fins dos tempos. Comprendemos, na realidade, que isto foi escrito para vós e para mim, pessoalmente?

O que foi, exactamente, aquilo que se passou com Israel quando chegou à fronteira de «uma terra



Alf Lohne é um dos vice-presidentes da Conferência Geral.

boa e larga, e uma terra que mana leite e mel?» (Êxodo 3:8). Procuremos imaginar a cena. Apenas o rio Jordão os separava das frescas planícies, verdes e férteis, banhadas pelos rios que desciam das montanhas. Na direcção da extremidade oriental das planícies, a pouco mais de cinco quilómetros apenas, o povo podia avistar os contornos de Jericó, «a cidade das palmeiras,» com os seus palácios.

Um Antegozo

Ali mesmo na margem do Jordão onde estavam acampados, enquanto o seu chefe Moisés preparava a triunfante entrada em Canaã, os israelitas tiveram o antegozo das riquezas da terra. «Do lado oriental do Jordão, entre o rio e o planalto que estiveram a atravessar, havia também uma planície, com vários quilómetros de largura, e que se estendia a alguma distância ao longo do rio. Este vale abrigado tinha o clima dos trópicos; ali florescia o sitim, ou acácia, dando à planície o nome de 'vale de Sitim'. Foi ali que os israelitas acamparam, e nos bosques de acácia ao lado do rio encontraram um agradável retiro.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 478.

Mal podemos imaginar o sentimento de poder armar as tendas num lugar daqueles, depois de longos anos de nomadismo por locais secos e poeirentos. O povo estava optimista. Tinha a experiência de numerosas vitórias durante a viagem até às margens do Jordão.

Quarenta anos antes, os espiões israelitas tinham regressado da terra que devia ser conquistada e relataram: «O povo porém que habita nessa terra é poderoso, e as cidades fortes e mui grandes; e também ali vimos os filhos de Anaque... e todo o povo que vimos no meio dela são homens de grande estatura... e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos seus olhos» (Núm. 13:28-33). Agora os habitantes continuavam a ser grandes e poderosos.

Porém, sob a ordem divina, Moisés levara Israel a obter grandes vitórias. Nem gigantes, nem cidades fortificadas, nem grandes exércitos haviam podido deter um povo conduzido pelo Comandante das hostes do Senhor. E agora, enquanto contemplavam a margem oposta do rio, os israelitas esperavam vitórias emocionantes e decisivas. Não tinham a menor ideia da terrível tragédia que lhes estava reservada.

A Apostasia Leva Israel a Perder-se

Inicialmente, havia muito poucos contactos entre os israelitas e o povo que os circundava no Vale das Acácias. Mas logo começaram a aparecer no acampamento alguns amáveis e simpáticos pagãos midianitas. Eram chefiados por Balaão, um homem que já havia conhecido Deus, mas estava agora determinado a enfraquecer Israel fazendo infiltrar nas suas fileiras costumes mundanos, adultério, idolatria e falsos cultos.

Na narração que se segue notamos o que provocou um desastre mortal, ali mesmo na fronteira de

Canaã: «Por sugestão de Balaão, foi pelo rei de Moabe designada uma grande festa em honra a seus deuses, e arranjou-se secretamente que Balaão induzisse os israelitas a assistirem à mesma. Ele era considerado por estes como um profeta de Deus, e por isso teve pouca dificuldade em realizar o seu propósito. Grande número de pessoas uniram-se a ele, testemunhando as festas. Aventuraram-se a ir ao terreno proibido, e foram enredados na cilada de Satanás. Iludidos pela música e dança, e seduzidos pela beleza das vestais gentílicas, romperam a sua fidelidade para com Jeová. Unindo-se-lhes nos folguedos e festins, a condescendência com o vinho enuviou-lhes os sentidos e derribou as barreiras do domínio próprio. A paixão teve pleno domínio; e, havendo contaminado a consciência pela depravação, foram persuadidos a curvar-se aos ídolos. Ofereceram sacrifícios sobre os altares gentílicos, e participaram dos mais degradantes ritos.» — *Ibid.*, pág 479.

Esta apostasia figura entre as piores registadas na história de Israel. Milhares de pessoas perderam a vida. Encontravam-se tão perto da Terra Prometida que até podiam contemplar a sua beleza, riquezas e abundância, mas dezenas de milhares nunca lá entraram. Israel sobrevivera vagueando durante anos pelo deserto e vencera grandes batalhas contra poderosos exércitos, mas cedendo à tentação pouco antes de deverem entrar na terra dos seus sonhos, muitos se viram para sempre excluídos de participar nesse acontecimento. Como pôde isto acontecer? Que lições práticas poderemos aprender da sua experiência?

Notemos o primeiro passo na transgressão: «Aventuraram-se a ir ao terreno proibido.» Outros passos logo se seguiram. Aceitaram convites e foram voluntariamente observar práticas que tiveram uma influência degradante na sua mente. Escutaram a música pagã, observaram danças sensuais e passaram diante da sedução dos agentes satânicos. Em pouco tempo passaram de espectadores a participantes. Há uma frase na narrativa bíblica que diz tudo acerca da sua apostasia: «Juntando-se pois Israel a Baal-Peor» (cap. 25:3). Baal era um deus cananeu cujo culto consistia em ritos licenciosos praticados no alto duma montanha.

Os pecados de imoralidade que levavam à idolatria não eram cometidos em segredo. Um chefe, príncipe duma das mais importantes casas de Israel, demonstrou publicamente o seu desprezo pelos padrões morais do Deus de Israel. O juízo que caiu sobre ele e os seus simpatizantes foi executado rápida e drasticamente (vers. 6-8, 14).

Alguns perguntam porque reagiu Deus tão energeticamente ao pecado de imoralidade. O seguinte comentário lança alguma luz sobre o assunto: «Satanás seduziu Israel à depravação antes de os levar à idolatria. Aqueles que desonrarem a imagem de Deus e macularem o Seu templo nas suas próprias pessoas, não terão escrúpulos para praticarem qualquer desonra a Deus que satisfaça o desejo dos seus depravados corações. A condescendência sensual enfraquece o espírito e avilta a alma. As faculdades

morais e intelectuais ficam embotadas e paralisadas pela satisfação das inclinações animais; e é impossível ao escravo da paixão compenetrar-se da obrigação sagrada imposta pela lei de Deus, apreciar a obra expiatória, ou dar o devido valor à alma. Bondade, pureza e verdade, reverência para com Deus e amor pelas coisas sagradas — e tudo isto são afeições santas e nobres desejos que ligam os homens ao mundo celestial — são consumidos nos fogos da lascívia. A alma torna-se um deserto enegrecido e desolado, habitação de espíritos maus, e 'guarda de toda a ave hedionda e abominável'. Seres formados à imagem de Deus são arrastados ao nível dos irracionais.» — *Ibid.*, págs. 483, 484.

Deveria ser simples tirar algumas lições da experiência de Israel. Por um lado não seria prudente estabelecer uma lista de coisas a fazer e outras a não fazer, o que poderia levar ao farisaísmo e ao legalismo, mas, por outro lado, esta narrativa encerra uma mensagem definida para cada um de nós. Há princípios que nunca se tornam antiquados ou desactualizados. Alguns ainda tomam maior importância à medida que o tempo passa!



O facto de nos encontrarmos neste mundo para ganhar as pessoas que aqui vivem torna fácil esquecer que não somos «do mundo» (João 17:14). Exactamente o primeiro versículo do livro dos Salmos aponta para a necessidade de mantermos o justo equilíbrio nas nossas relações com o mundo: «Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores» (Sal. 1:1). Isto é-nos lembrado quando escutamos o anjo proclamar a sua advertência à última geração da terra: «Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniqüidades dela» (Apoc. 18:4, 5).

É surpreendente verificar quantas vezes a Bíblia repete advertências contra o perigo que se corre penetrando no terreno perigoso que poderá tornar-se extremamente difícil de abandonar. «Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele» (I João 2:15). «Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus» (Tiago 4:4).

Ao estudarmos a tragédia de Israel na fronteira de Canaã, precisamos de salientar outro ponto. O homem que tão habilidosamente traçou o plano para a queda de Israel foi Balaão, ex-profeta de Deus, mas que apostatara. Muitos ainda tinham confiança nele e seguiram o seu exemplo associando-se às festividades pagãs.

Ciladas a Todas as Almas

Igualmente neste ponto, não fomos deixados sem aviso. Satanás «arma as suas ciladas a toda a alma. Não é simplesmente o ignorante ou sem letras que necessita de ser guardado; ele preparará as suas tentações para os que se encontram nas mais elevadas posições, no mais santo mister; se ele os puder levar a poluir a alma, poderá por meio deles destruir a muitos. ... Foram os traidores dentro dos muros que subverteram as fortalezas do princípio e traíram Israel ao poder de Satanás.» — *Ibid.*, págs. 483, 484.

Estas palavras solenes tornam bem claro que cada um de nós tem pessoalmente de se manter apegado a Deus para poder ser vitorioso. «Chegai-vos a Deus, e Ele Se chegará a vós» (vers. 8). Quando andamos na companhia do nosso Salvador, o mundo perde o seu poder de atracção. E não apenas isso, «mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória» (II Cor. 3:18). Então não pereceremos na fronteira da Terra Prometida, mas «assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo» (II Ped. 1:11).

Perguntas para Discussão

1. Por que razão, na nossa caminhada para o céu, a última etapa será a mais difícil?
2. Comparar a atitude de Israel nas duas ocasiões em que se encontrou junto do Jordão.
3. Que poderemos aprender da experiência que Israel teve com Baal?
4. Descrever a diferença entre *estar* no mundo e *ser* do mundo.
5. Como poderemos evitar ser enganados por alguns Balaões modernos?

Debaixo da Nuvem

Por MARTIN KOBIALKA

Habitamos sempre debaixo da sombra da nuvem protectora da Sua presença, mesmo quando a escuridão nos rodeia e não sabemos aonde ir.

«Perigo! É proibido sair da estrada!» Este aviso foi afixado na estrada que atravessa o deserto e liga o Egipto a Israel. Porque será perigoso sair desta estrada? Quem se aventure a sair do carro e comece a caminhar pelas dunas e montes de areia, muito provavelmente não voltará a encontrar novamente a estrada e perder-se-á no deserto. Já muitos viajantes morreram de sede no deserto apenas a poucas centenas de metros da estrada onde poderiam ter sido socorridos por outros.

Quando recentemente fiz uma viagem de avião sobre o deserto do Sinai, não consegui distinguir nenhuma estrada, nem aldeias, nem pessoas, animais, árvores, plantas ou água. Deve ser terrível uma pessoa sentir-se perdida no meio desse deserto, sem saber a maneira de sair dele! Que terão pensado os israelitas quando vagueavam com Moisés por esta mesma área desolada? Subiram e desceram, uma a uma, as dunas de areia debaixo de um sol abrasador, sempre nessa mesma paisagem nem sequer interrompida por um único rebento de erva ou poço de água. Com que ansiedade não esperaríamos eles a frescura da noite!

Ter-se-iam preocupado com o facto de se encontrarem no meio daquele deserto sem quaisquer rastros? Ter-se-ão sentido abandonados no deserto? Não, porque por cima deles flutuava a coluna de nuvens sobre os escaldantes montes e vales arenosos. Sabiam que ela os guiaria no caminho certo, protegendo-os com a sua sombra refrescante.

O próprio Jesus estava presente na nuvem. Paulo escreveu: «Os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem. ... E beberam todos duma mesma

bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo» (I Cor. 10:1-4). Cristo também Se encontrava na coluna de fogo que à noite os protegia e iluminava o espaço em redor deles. A «pedra espiritual» abastecia-os com a água da vida, do mesmo modo que com água para beberem. Em Hebreus 12:25, 26 lemos que Jesus nos adverte do céu, «a voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo: 'Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu'». A voz de Cristo sacudiu o Monte Sinai, e o povo tremeu quando testemunhava o Seu poder. Infelizmente não ouviram a Sua voz. «Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim. Enquanto se diz: 'Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação'» (Heb. 3:14, 15). «Cristo não somente foi o guia dos hebreus no deserto — o Anjo em quem estava o nome de Jeová e que, velado na coluna de nuvem, ia diante das hostes — mas foi também Ele que deu a Israel a lei.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 381.

Cristo esteve com o Seu povo no deserto. O Seu cuidado, bondade e graça; o Seu incompreensível, grande e eterno amor — tudo foi manifesto, de um modo especial, aos Seus filhos. Ele vigiava-os de dia e de noite, como faz uma mãe que se preocupa com o seu querido bebé. Não sabiam para onde se dirigir, mas Ele os animava: «Não temais, Eu vos guiarei; segui-Me apenas.»

Cristo Será o Nosso Ajudador

Do mesmo modo Jesus ama cada um de nós. Porque Ele está presente, nunca estaremos sozinhos, nem esquecidos ou perdidos. «Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20). Habitamos sempre debaixo da sombra da nuvem protectora da Sua presença, não apenas nas horas de alegria e de paz, mas também quando a escuridão nos rodeia e não sabemos aonde ir. A nossa escuridão pode ser de fraqueza física, dor, doença, ou até mesmo morte. Pode ser uma escuridão da mente ou do espírito. Cristo, porém, não pode deixar-nos a lutar sozinhos com estes problemas, porque Se preocupa muito connosco. «Diante d'Ele asseguraremos os nossos corações, sabendo que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que os nossos corações, e conhece todas as coisas» (I João 3:19, 20). Ele conhece as nossas circunstâncias e as nossas necessidades muito melhor do que nós mesmos. A tristeza que nos



Martin Kobiálka é pastor da igreja de Pforzheim, na República Democrática Alemã.

cerca e está dentro de nós não é, para Ele, escuridão, porque Ele mesmo é a luz.

Quando os israelitas foram mordidos pelas serpentes, muitos deles se voltaram de novo para Deus e foram salvos por Jesus. Quem quer que olhasse para ver a serpente de bronze era instantaneamente curado. Assim acontece hoje também. A nossa situação pode ser tão desesperada que nos pareça que ninguém nos pode ajudar, mas a nuvem de fogo flutua sobre nós; o Senhor não nos abandonou; Ele nos abrirá o caminho.

Quando chegamos a uma encruzilhada, em que direção deveremos seguir? Qual o sentido em que a nuvem se desloca? Ser-nos-á útil que:

Consideremos, em situações semelhantes na Bíblia, como Deus guiou o Seu povo no passado.

Amemos Jesus de todo o nosso coração, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Obedeçamos a todos os princípios e instruções que sejam conhecidos na Bíblia.

Utilizemos os bons conselhos de amigos cristãos, do mesmo modo que a oração.

Confiemos em que a resposta de Deus virá a seu tempo, e esperemo-la com paciência.

Sobrevieram sentimentos de amargura aos corações de Tiago e Helena White quando perderam o seu filho Henrique com a idade de dezasseis anos. As orações que fizeram para que Jesus lhes salvasse o amado filho pareceram ficar sem resposta. Porque lhes fora ele arrebatado? Fora a sua morte um castigo para os pecados dos pais? Mas não tinha o Senhor já perdoado e apagado os seus pecados? Teriam eles dado ao Senhor alguma razão para que os abandonasse? Não viram qualquer luz durante este tempo de tristeza e de dor.

No entanto, Jesus não os tinha abandonado. Abrigara-os em cada momento com a Sua sombra, afligindo-Se e chorando com eles. Não respondeu naquela ocasião às suas interrogações, mas confortou-os e fortaleceu-lhes a confiança: «Havereis de ver novamente o vosso filho. Ressuscitá-lo-ei e estareis com ele para sempre nas mansões que preparei para vós na casa de Meu Pai.» A coluna de fogo trouxe-lhes luz e conforto por intermédio de Jesus, e os seus corações encontraram de novo repouso e paz. (Ver *Selected Messages*, livro 2, págs. 258-261.)

Uma irmã idosa, membro duma das minhas igrejas, teve de passar uma noite de terrível sofrimento. As palavras humanas nada poderiam ajudar, por isso sentei-me silenciosamente e orei ao lado da sua cama. Perguntei-lhe: «Como é que a irmã consegue aguentar?» Ela fitou-me com um brilho de alegria que se sobrepunha à dor estampada nos olhos. «Quando penso no que Jesus sofreu por mim, o meu sofrimento torna-se fácil de suportar.» A sua noite foi iluminada pela coluna de fogo — o amor de Jesus.

A Chave para uma Nova Vida

Certo jovem ouviu o evangelho, mas não foi capaz de acreditar completamente. Nem as profecias da Bíblia nem outras provas o convenceram. Queudou-se na escuridão da incerteza, mas a nuvem de fogo não o desamparou. Um dia o jovem dirigiu-se a Jesus, dizendo: «Quero acreditar em Ti.» Este «querer» tornou-se a chave para uma nova vida. «Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá» (João 7:17).

Na realidade, não dependemos das doutrinas, regras, organizações, ou administrações da igreja, mas do amor de Jesus. Logo que o Espírito Santo derrame esse amor nos nossos corações, deixamos de nos sentir oprimidos; ao contrário, experimentamos a alegria de vencer os obstáculos à fé e somos capazes de amar as nossas doutrinas, a organização e os seus dirigentes, porque Deus também os ama.

É verdade que Jesus Se entristeceu com coisas que acontecem na Sua igreja remanescente. Ele faz notar que somos cegos, pobres, e miseráveis, como lemos na Sua carta à Igreja de Laodiceia. Felizmente, ainda estamos debaixo da nuvem da Sua presença que cobre a Sua igreja imperfeita. Ele não considera que o nosso maior problema sejam questões de doutrina, mas sim a nossa falta de completa submissão à Sua pessoa. Por isso se mantém à nossa porta, esperando, batendo. A abertura do nosso coração depende duma decisão pessoal, independentemente da igreja e de todos os que nela se encontram. Jesus dirige-nos a mesma pergunta que dirigiu a Pedro: «Amas-me realmente?»

No deserto, no Dia da Expição, dia de juízo e decisão, o Shekinah aparecia no Lugar Santíssimo. Hoje, a nuvem de Cristo ainda enche o templo no céu, mas o Seu trabalho expiatório como nosso sumo sacerdote está quase terminado. No Seu amor eterno, ao mesmo tempo suave e firme, espera que lhe abramos o nosso coração dedicando-lhe um amor não dividido. Quando assim fizermos, Ele ganhará a nossa causa no tribunal celeste.

Dois Questões Decisivas

Os filhos de Israel, durante as suas peregrinações no deserto, não sofreram nenhuma carência física, porque se encontravam abrigados pela nuvem. Embora não existisse no deserto alimento para tão grande multidão, Jesus alimentou-os com o maná durante quarenta anos, repetindo todos os dias um novo milagre. Na sexta-feira deviam colher maná para dois dias, a fim de chegar para o Sábado. Desse modo Jesus ensinou o Seu povo a santificar o Sábado, esse dom que vinha desde o Paraíso, um dia de paz e repouso, felicidade e comunhão com o Senhor da nuvem.

A nossa geração enfrenta duas questões decisivas: o Sábado e a dieta alimentar.

Jesus ensinou-nos a orar: «O pão nosso de cada dia nos dá hoje» (Mat. 6:11). Nos tempos bíblicos, os alimentos frescos tinham de ser preparados

todos os dias — o pão nosso de cada dia. Assim foi também debaixo da nuvem no deserto. Jesus poderia ter-lhes dado maná com instruções para o conservarem durante dias ou meses, mas deu-lhes alimento fresco, a melhor alimentação para o Seu povo. Os nossos alimentos devem ser tão naturais quanto possível — legumes frescos, fruta, oleaginosas e cereais.

Há mais de cem anos Ellen White recebeu princípios de saúde destinados a manter-nos felizes e saudáveis, escritos que se têm revelado avançados em relação ao seu tempo. O nosso Salvador, que nos ama, quer que evitemos a doença e prolonguemos a nossa vida. Mantenhamo-nos abrigados sob a nuvem da Sua vontade e não vagueemos pelo deserto da doença, onde a vida corre perigo.

Em Apocalipse 13 somos informados de que o Sábado se tornará uma prova decisiva. O Estado e a Igreja unir-se-ão para estabelecer o reino de Deus segundo a concepção humana. Essa manobra arrastará consigo a grande «hora da tentação que há-de vir sobre todo o mundo» (Apoc. 3:10) No apogeu do último grande engano, Satanás aparecerá na forma de

Cristo, imitando a Sua volta. Os que não aceitarem observar o Domingo em lugar do Sábado serão perseguidos. Uma vez mais os filhos de Deus terão de encontrar refúgio no deserto. Porém, não se encontrarão ali sozinhos, porque a nuvem que guiou Israel através do deserto até à Terra Prometida guiará igualmente a Igreja remanescente. Jesus lançará a Sua sombra para proteger cada um dos seus filhos. Dar-lhes-á conforto e força, alimentá-los-á e protegê-los-á até que venha nas nuvens em que os levará consigo para o lar.

Perguntas para Discussão

1. Qual teria sido a sorte de Israel no deserto sem o cuidado de Deus?
2. Como podemos identificar o chefe espiritual do Israel antigo?
3. Que significado tem para nós a coluna protectora e condutora no nosso moderno deserto?
4. Que passos se podem dar quando enfrentamos decisões difíceis?
5. Que provas enfrentou Israel e que igualmente se apresentarão ao mundo de hoje?

Sexta-feira, 29 de Novembro

Os Nossos Filhos Hão-de Ir Connosco

Por DWIGHT K. NELSON

Os melhores lugares para contar e para ouvir a história de Deus são o regaço dos pais e mães e o altar da família.

«Os nossos filhos hão-de ir connosco!» A voz imperiosa do estrangeiro ecoou nas paredes frias e ensombradas da câmara real. Os seus olhos escuros e lúcidos observavam do meio daquela rude moldura da sua barba encanecida e cabelos completamente brancos. O pastor de ovelhas, queimado do sol de



Dwight K. Nelson é pastor da igreja Pioneer Memorial, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A..

Midiã voltara-se para fixar o rosto do astuto rei egípcio. Não haveria acordo nem concessões que excluíssem as crianças. «Havemos de ir com os nossos meninos» foi a enfática resposta de Moisés a Faraó (Êxodo 10:9)

«Os nossos filhos hão-de ir connosco.» E foram, naquela inesquecível fuga para a liberdade, à meia-noite — o grandioso Êxodo. Desde a marca do sangue quente nas ombreiras de madeira das portas, até aos borrifos que do muro formado pelas águas do Mar Vermelho atingiram as suas faces ansiosas, uma horda de escravos hebreus em fuga jogou a sua sorte do lado do grande EU SOU, e Ele salvou-os. Salvou também os seus filhos.

«Os nossos filhos hão-de ir connosco.» Para que nunca viessem a esquecer que Ele os havia salvo juntamente com os seus filhos, Deus idealizou um plano que ficaria para sempre um meio de se recordarem. «Se acontecer que o teu filho no tempo futuro te pergunte, dizendo: Que é isto? dir-lhes-ás: O Senhor nos tirou com mão forte do Egito, da casa da servidão» (cap. 13:14). Para que não se esqueçam, contai a história aos vossos filhos.

Desde o princípio Deus tem ordenado aos pais que contem aos filhos a sua história. Logo ali à vista

do anjo que empunhava a espada inflamada de fogo, Adão e Eva edificaram um altar para contarem aos filhos a história de Deus salvando os Seus filhos. O idoso Noé com a sua esposa reuniu muitas vezes os seus descendentes em volta de um velho altar coberto de musgos na encosta do imponente Monte Ararat, apenas para que os seus netos pudessem ouvir novamente a história de como Deus salvara os Seus filhos. Os antigos registos históricos estão recheados de montes ou pilhas de pedras deixadas pelo patriarca Abraão como eloquentes púlpitos através das bravias paisagens. Os púlpitos ressoavam com uma promessa chamada Canaã. Ali Abraão falava de um Deus que salva os Seus filhos.

Para que se não venham a esquecer, contai a história aos vossos filhos. Este é o convite do salmista: «Proporei enigmas da antiguidade, os quais temos ouvido e sabido. Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração futura os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que fez. ... E ordenou aos nossos pais que a fizessem conhecer a seus filhos, para que pusessem em Deus a sua esperança e se não esquecessem das obras de Deus, mas guardassem os Seus mandamentos» (Salmos 78:2-7). Para que se não esqueçam, contai a história aos vossos filhos.

Mas qual é a história que os nossos filhos ouvem hoje? Que história ouvem eles quando crianças de todo o mundo são arrastadas pelos seus pais aos tribunais de família por causa dos divórcios? Que história ouvem as crianças quando por todo o globo são levadas com os seus pais pelo mundo das escandalosas notícias e sórdidos entretenimentos? Que história ouvem as crianças do nosso planeta, que diariamente são catapultadas sobre as crescentes estatísticas de lares e corações desfeitos? Fome, aborto, violação de crianças, divórcio — «Os nossos filhos hão-de ir connosco» é tragicamente uma grande verdade!

E nós, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, para onde estamos levando os nossos filhos? Quando foi a última vez que a nossa congregação lutou desesperadamente para encontrar o modo de salvar a sua juventude? «Salvem as baleias!» — proclamam os cartazes da organização internacional da Paz Verde. «Salvem as florestas de Redwoods!» Salvem os Black Hills!» «Salvem a torre inclinada de Pisa!» Mas quem vai salvar as crianças? Que está fazendo a vossa igreja? Que está fazendo a minha igreja? «Os nossos filhos hão-de ir connosco.»

Quem Deve Ser Acusado?

Irão realmente? Sondagens alarmantes feitas na Igreja Adventista estão revelando que, para a nossa juventude adolescente, a porta da salvação se está rapidamente a transformar numa porta giratória para a apostasia. A quem devemos apontar o dedo acusador? Aos adolescentes? Aos seus pais? Aos seus pastores? Aos seus professores? Aos oficiais da Escola Sabatina? Aos colegas?

Claro que podemos acusar a nossa época. Afi-

nal, não é fácil, hoje, salvar os jovens. Enquanto o destruidor das crianças passeia à solta pelo nosso planeta, não admira que receemos pela sorte dos nossos filhos! Com os mortíferos anzóis de Satanás iscados com as bugigangas de vídeo da tecnologia, o trémulo brilho da sensualidade no mundo da droga e as repetidas imagens de imoralidade, a batalha a travar pelos nossos filhos nunca foi tão intensa. Com uma cultura falida e um ambiente tão corrupto, podemos pelo menos acusar a nossa vizinhança.

Era o que podia fazer certa mulher chamada Maria. Acusar a aldeia. Toda a gente o fazia. «Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?» (João 1:46). Mas veio Alguém, Aquele que é o Salvador dos nossos filhos saiu de um ambiente corrupto.

Então, o que sabia aquela jovem pouco instruída e que nós também precisamos de saber, porque queremos salvar os nossos filhos? Para que não se esqueçam, contemos a história às nossas crianças. Assim contou Maria ao pequenino Jesus «os louvores do Senhor, assim como a Sua força e as maravilhas que fez» (Sal. 78:4). O nosso Salvador encarnado sentava-se aos pés da Sua mãe, enquanto «dos seus lábios e dos rolos dos profetas, aprendia coisas celestiais.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 48. «Quando criança, aos joelhos da Sua mãe, do rolo dos profetas recebia diariamente instruções.» — *Educação*, pág. 184.

Será que «diariamente», «aos joelhos da sua mãe» deveriam também encontrar-se as crianças adventistas de hoje? Afinal os joelhos da mãe, o colo do pai e o altar da família são os lugares onde a história de Deus melhor pode ser contada e ouvida. «Tão logo sejam os pequenos capazes de compreender, devem os pais contar-lhes a história de Jesus, a fim de que bebam nas preciosas verdades concernentes ao Infante de Belém.» — *O Lar Adventista*, pág. 320. Para que não se esqueçam, contai a história aos vossos filhos!

É claro que, simplesmente contar ou ouvir a história não salva ninguém. Eu bem sei! Tendo recebido a herança espiritual de cinco gerações de adventistas do sétimo dia e de quatro gerações de obreiros, nasci e fui criado no seio de um lar adventista, escolas adventistas e igreja adventista. Cresci ouvindo contar a história divina em altares de família, nos trimensários da Escola Sabatina e em classes de doutrinas bíblicas. Fui orgulhoso professor num plano da igreja chamado «A Vantagem Adventista» e deduzi que me iria salvar porque conhecia a história de trás para a frente e da frente para trás!

Porém, conhecer a história e conhecer o Salvador são duas coisas muito diferentes. Vi-me perante essa desconcertante constatação quando, no meio de densas trevas de culpa e temor, Deus me conduziu a um encontro pessoal com Jesus. Encontrando o meu Salvador, descobri uma amizade que se tornou na história duma aventura para toda a vida. Ter «nascido» adventista não me valia a salvação, nem poderá salvar qualquer outro jovem adventista.

Momento Crítico da Decisão

Quererá então isso dizer que as famílias e escolas e as congregações devem deixar de contar a história às suas crianças e jovens? Nunca. Devemos ainda muito mais contar-lhes a história do Salvador. Sinto-me eternamente grato aos meus piedosos pais, aos meus dedicados dirigentes da Escola Sabatina e aos meus professores cristãos por terem agido comigo como agiram. Tenho a certeza de que todos eles alguma vez tiveram dúvidas, talvez até abanaram desoladamente a cabeça, quando procurei seguir o meu caminho até chegar a adulto. Mas os seus exemplos de cristãos, o seu amor e compreensão incondicional e a sua constante intercessão em orações por mim operaram uma eterna diferença na minha vida. Pois quando atingi os vinte e dois anos e senti chegar o momento crítico de decidir acerca da minha salvação, escolhi aquele Jesus do lar, da escola e da igreja para ser o Jesus do meu coração.

Que se passará com as crianças do *vosso* lar, da *vossa* congregação, da *vossa* escola? Quando chegar para elas o momento crítico da decisão, serão capazes de olhar retrospectivamente para vós e para o impacto da *vossa* influência nas suas vidas, encontrando aí a resposta que precisam?

«Os nossos filhos não-de ir conosco.» Mas quem irá assegurar esse acontecimento? Os pais, os obreiros, os professores ou os membros da igreja? Procurar sacudir a responsabilidade para cima dos ombros de outras pessoas não será maneira de salvar os nossos jovens. A tarefa divina de salvar os nossos filhos é uma tarefa de todos nós!

Deus deseja que se comece no lar. Portanto, para que não esqueçam, contai a história aos vossos filhos. Mas todos nós sabemos que criá-los «na doutrina e admoestação do Senhor» (Efés, 6:4) não é uma vocação fascinante nem uma resplandecente missão. É um trabalho árduo conjugar horários apertados com os cultos de família. Reunir os familiares à volta duma história bíblica, duma lição da Escola Sabatina ou do livro da Devoção Matinal não é menos difícil. Os receptores de televisão custam muito a desligar. Os jornais detestam ser desprezados. De manhã, a pressa para ir para o trabalho ou para a escola segreda constantemente: «Hoje, tens que pôr de parte o culto familiar.» As tarefas da noite não são mais compreensivas. As coisas não eram fáceis em Nazaré; tão-pouco serão fáceis no vosso lar. Mas é em casa que se tem de começar a contar a história. Se a não contardes aos vossos filhos, quem o fará?

Fálo-á a *vossa* igreja, a escola? O facto é que no momento em que, como adventistas, abandonarmos a educação cristã dos nossos filhos em casa, na escola e na igreja, o nosso movimento estará condenado. Os nossos filhos *têm* de ir conosco! Para que os vossos filhos não se esqueçam, contai-lhes a história.

Joelhos e Colo Transformadores

De geração em geração, os fiéis têm transformado os colos e joelhos em altares para contar a história divina. Mostraremos «à geração futura os louvores do Senhor. ... Para que [ponham] em Deus a sua esperança» (Salmo 78:4-7). Salvar os nossos filhos significa salvar a nossa igreja.

A boa nova é que Quem convidou as crianças a aproximarem-se da Sua Pessoa é o mesmo que nos oferece a oportunidade de nos associarmos com Ele na salvação dos nossos filhos, que são também os Seus filhos. «Eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos Eu remirei» (Isa. 49:25). Quer sejamos pais ou professores ou apenas dedicados membros de igreja, Jesus põe à nossa disposição os Seus eternos recursos ao nos empenharmos para salvar os nossos filhos. «No desimpegno do vosso trabalho pelos vossos filhos apegai-vos à poderosa força de Deus. Encomendai os vossos filhos ao Senhor em oração. Trabalhai por eles fervente e incansavelmente. Deus ouvirá as vossas orações e os atrairá a Si.» — *O Lar Adventista*, pág. 536. O nosso colaborador é Deus que salva as crianças!

«Os nossos filhos não-de ir conosco.» As nossas vidas remendadas e desajeitadas não permitem que nos vangloriemos do passado. A vida das famílias e da igreja tem-se igualmente tornado tão ocupada com os problemas próprios dos adultos que a porta giratória da apostasia tem funcionado nas nossas costas. Será demasiado tarde para as nossas crianças e jovens que partiram «para uma terra longínqua»? Podemos pensar que assim é.

No entanto, através das nossas tristes lágrimas de remorso, precisamos de distinguir o Pai. Ei-lo à sombra vespertina de um pórtico, formando com as mãos uma protecção para os olhos perscrutadores que, semicerrados, procuram alcançar mais longe as curvas da estrada poeirenta que se vai afastando cada vez mais da casa. Vêde o Pai! Ele sabe o que nunca devemos esquecer: a estrada que leva para longe de casa é a mesma que volta a trazer o filho para o seu lar. É por essa razão que o eterno amor do Pai continua esperando. O Seu coração de Pai é garantia suficiente de que Deus nunca desistirá de esperar os Seus filhos pródigos. Então porque seríamos nós a desistir? Não faremos melhor em abrir e conservar abertas as portas dos nossos corações, dos nossos lares e das nossas igrejas? «Os nossos filhos não-de ir conosco!» Ousaremos alguma vez fechar-lhes a porta?

«Os nossos filhos não-de ir conosco.» Se esta firme convicção era crucial para as famílias que se preparavam para o *primeiro* êxodo da meia-noite, então quanto mais crucial o deverá ser para as famílias que se preparam para o êxodo *final* da meia-noite — para nós hoje «para quem já são chegados os fins dos tempos»! Com um único rio ainda por atravessar antes de entrar na Terra Prometida, não devemos nós ter pressa de chegar aos nossos lares, escolas e igrejas com o compromisso renovado de

avançar, acertando o passo com Aquele que é o único a poder salvar os Seus filhos — os nossos filhos?

Continuemos a narrar essa antiga e conhecida história. Para que a não esqueçam, contemo-la aos nossos filhos. Partilhar a história é partilhar o Salvador. E apenas compartilhando o Salvador é que «os nossos filhos hão-de ir connosco.»

Perguntas para Discussão

1. Será mais fácil ou mais difícil para nós levar os nossos filhos connosco do que o foi para os israelitas?
2. Poderemos neutralizar nas nossas casas o que os nossos filhos ouvem lá fora?
3. Que responsabilidade tem a igreja pelos seus jovens, em comparação com aquela que têm os pais?
4. Como poderemos tornar a religião atractiva às crianças e jovens?
5. Até que ponto devemos esperar que a escola da igreja contribua para a salvação dos nossos filhos?



Sábado, 30 de Novembro

«Até Quando Coxearéis Entre Dois Pensamentos?»

Por NEAL C. WILSON

Na precipitação em dispensar a justiça pelas obras, poderemos encontrar-nos a dispensar toda a espécie de justiça

Ao longo desta Semana de Oração temos vindo a considerar os paralelos entre as experiências dos filhos de Israel na sua passagem do Egipto para Canaã e a nossa viagem espiritual para o reino de Deus. Estas experiências foram registadas na Bíblia expressamente para benefício daqueles «para quem já são chegados os fins dos séculos» (I Cor. 10:11). O apóstolo Paulo diz-nos que foram escritas para nos ajudar a aprender as lições essenciais à nossa sobrevivência e vitória final.



Neal C. Wilson é o actual presidente da Conferência Geral.

As lições a tirar do Velho Testamento não terminam com a chegada dos israelitas à Terra Prometida. No tempo de Josué e dos juizes, no tempo de Saul, David e Salomão o povo revelou uma experiência religiosa flutuante. Algumas vezes regozijava-se porque seguia fielmente as ordens do Senhor; depois voltava a cair nos costumes idólatras das nações em redor.

Sob o reinado de Roboão a nação esteve permanentemente dividida. Separadas do Templo de Jerusalém, as dez tribos do norte começaram um longo, lento mas constante deslizar para a apostasia e práticas degradantes do culto de Baal. Ainda assim Deus não as abandonou. Profeta após profeta foram transmitindo as suas mensagens de aviso e apelo tanto ao rei como ao povo, mas nada pareceu resultar na desejada reforma. Finalmente Elias, o tsebíta, rude, viril e destemido, entrou no palácio do rei Acab e disse-lhe sem rodeios que a maldição do Senhor caíra sobre a terra. Não haveria mais chuva enquanto Deus não ordenasse. A luxuriante paisagem que, segundo descrição anterior, manava «leite e mel» secou-se. Os leitos dos rios transformaram-se em pó. Durante três anos e meio a terra foi recozida por um sol abrasador implacável. A fome devastou homens e animais. Finalmente Elias reapareceu diante de Acab e ordenou ao rei que convocasse os

seus profetas de Baal para uma confrontação pública. Reuniram-se no monte Carmelo oitocentos e cinquenta desses falsos chefes religiosos, juntamente com o rei e muitos outros observadores especiais. O resto da nação juntou-se na base do monte, de onde se podia ver claramente os acontecimentos.

«Até quando coxeareis entre dois pensamentos?» desafiou o homem de Deus. «Se o Senhor é Deus, segui-o; e se Baal, segui-o» (I Reis 18:21). Mas o povo não estava ainda preparado para se decidir. Alguns, teimosa e descaradamente, continuavam agarrados às suas crenças idólatras; outros tomavam a atitude de esperar para ver o que aconteceria.

Elias anunciou um duelo para se ver qual o sacrifício que seria aceite pelo fogo divino. Os Baalitas colocaram o seu bezerro sacrificado sobre o altar e apelaram para os seus deuses. Durante todo o dia fizeram manifestações, gritaram e até se flagelaram com facas, mas sem nenhum resultado. Chegou então a vez de Elias, que colocou um sacrifício sobre o altar de pedra, mandando derramar sobre ele cântaros e mais cântaros de água. Quando orou para que Deus Se manifestasse, desceu fogo do céu e consumiu o sacrifício, a água e até as próprias pedras.

A resposta do povo foi imediata e dramática. Caíram sobre os seus rostos, arrependidos da sua apostasia, e reconheceram o Deus Criador como seu Senhor. Os falsos profetas foram traspassados à espada e o céu abriu-se deixando cair a chuva vivificante. Milhares se converteram naquele dia, voltando-se para o Deus dos seus pais, que tinha de maneira tão assinalada indicado que desejava a obediência do povo.

Embora anos mais tarde os israelitas tenham de novo apostatado e por isso sido levados para o exílio, aquele reavivamento começado por Elias e seguidamente continuado por Eliseu constitui uma das maiores reformas na história de Israel. Passadas várias gerações, ainda se falava nela e Deus utilizou-a como exemplo do tipo de relações que Ele deseja manter com o Seu povo.

Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que foram suscitados para cumprir uma missão específica neste tempo. Acreditam que lhes foi dada a responsabilidade de dar a conhecer a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, a mensagem de Elias para o nosso tempo.

Depois do reino do sul, de Judá, ter regressado do exílio em Babilónia e ter reconstruído o Templo, havia o perigo de que o povo, tal como sucedera com os seus pais, voltasse a cair em idólatra apostasia. O profeta Malaquias advertiu que, se o fizes-

sem, Deus traria ainda maiores castigos sobre eles. Por outro lado, por intermédio do Seu servo, Deus fez uma notável promessa: «Eis que Eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor» (Mal. 4:5). Prosseguiu dizendo que Elias faria uma grande obra de reforma, convertendo os corações dos filhos a seus pais e os corações dos pais aos filhos. Sabemos pelos escritos inspirados que Malaquias não falava de um reaparecimento físico, literal, do profeta que vivera quinhentos anos antes. O anjo que prometeu a Zacarias o nascimento de um filho a quem daria o nome de João, mais tarde chamado de Baptista, profetizou que aquele filho trabalharia segundo o espírito e o poder de Elias. Jesus confirmou que João era o cumprimento da profecia de Malaquias. João Baptista pregou uma poderosa mensagem de reavivamento e reforma, preparando o caminho para a missão de Cristo na terra. Nesse trabalho, imitou a reforma levada a efeito por Elias. Será então justo concluir que a profecia de Malaquias possa ter mais do que um cumprimento?

No decurso da história Deus tem em várias ocasiões julgado necessário lançar um apelo de advertência, uma mensagem de reforma, como preparação para acontecimentos traumatizantes. Antes do dilúvio, Noé pregou durante cento e vinte anos. Poucos o escutaram, mas fez fielmente o seu trabalho. Antes de Judá ter sido levado em cativo para Babilónia, Jeremias e Ezequiel procuraram advertir e reformar o povo. Vimos já que João Baptista apareceu com o expresso propósito de ser «a voz do que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor» (João 1:23).

Condições Antes da Volta de Jesus

As profecias do livro do Apocalipse descrevem as condições existentes na terra imediatamente antes da vinda de Jesus de novo a este mundo. Paulo refere-se frequentemente à mesma situação. Os homens seriam orgulhosos, gananciosos, amantes do prazer. Até a igreja é descrita como morna, considerando-se rica e recheada de bens, embora espiritualmente falida.

Porém, no meio desta corrupção e decadência, solta-se um clamor como que transportado pelos anjos: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:7). Tem o mesmo sentido que a mensagem de Elias! Há novamente um apelo de reforma, para o retorno ao primeiro amor a Cristo e ao evangelho. Antes de Jesus vir separar os bodes das ovelhas e reclamar o Seu povo, é lançado o apelo para que este saia de Babilónia, saia do mundo e se prepare para o encontro com Deus.

Ainda que João, o revelador, tenha visto anjos fazendo soar a mensagem de apelo e advertência, temos razões para crer que esses anjos representam o movimento profético de Deus, constituído por pessoas que realmente transmitem as mensagens. Porque foi à Sua igreja que Jesus deu a ordem: «Ide

por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura» (Mar. 16:15).

O povo adventista do sétimo dia acredita que se aplicam a ele as palavras «para tal tempo como este chegaste a este reino.» Acredita que lhe foi dada a responsabilidade de transmitir as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14, que são na verdade a mensagem de Elias para o nosso tempo. Como é sagrada tal responsabilidade! Temos o privilégio de nos unirmos ao Espírito Santo em ajudarmos as pessoas a tomarem a decisão que determinará o seu destino eterno.

O Nosso Próprio Reavivamento

Antes, porém, que possamos pregar a mensagem de Elias, precisamos de aceitá-la, acreditar nela e praticá-la nós mesmos. Antes de podermos fazer um trabalho de reforma, precisamos de ter o nosso próprio reavivamento. Antes de podermos dar cumprimento ao que Deus espera de nós na proclamação das mensagens dos três anjos e antes de podermos pregar o arrependimento, o reavivamento e a reforma, precisamos de encarar e responder à pergunta: Porque «coxeareis vós entre dois pensamentos?» Ou encontramos a nossa maior alegria servindo a Cristo e aqueles por quem Ele morreu, ou cedemos à intoxicante tentação de servir o próprio eu e este mundo.

Entre as sete igrejas de Apocalipse 2 e 3, a sétima, a igreja de Laodiceia, representa a condição espiritual do povo de Deus nos últimos dias. Não é uma condição invejável. «Eu sei as tuas obras», diz Deus, «que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. ... Sê pois zeloso,» diz Cristo, «e arrepende-te» (Apoc. 3:15-19).

Será esta a descrição da igreja de Deus hoje? Ou talvez mesmo ainda mais importante, será que estas palavras o descrevem a si? Tornou-se o irmão morno na sua fé, tendo perdido o primeiro amor com que abraçou Cristo como seu Salvador e se uniu à Igreja Adventista do Sétimo Dia? Tornou-se complacente, satisfeito com a sua condição de vida espiritual? O desejo de «progredir» nesta vida afastou o desejo de «tornar firme a sua vocação?» Se esse for o caso, existe apenas um remédio. Como disse Cristo: «Sê pois zeloso, e arrepende-te.»

À medida que o tempo passa e o Senhor parece retardar temporariamente a Sua vinda, há uma tendência para afrouxar os padrões da nossa alta vocação, para atenuar as diferenças que separam o povo de Deus do povo deste mundo. Os padrões do vestuário são dados antiquados, os padrões da recreação classificados como «legalismo». É verdade que se pode construir uma religião apenas de aparências. Também é possível tornarmo-nos descuidados com aquilo que vemos, aquilo que vemos na televisão,

aquilo que bebemos, os prazeres e divertimentos de que participamos, «e venha sobre nós de improviso aquele dia» (Luc. 21:34). *Na precipitação em dispensar a justiça pelas obras, poderemos encontrar-nos a dispensar toda a espécie de justiça.*

Se Cristo habita no coração de alguém, será visto na vida dessa pessoa. Quando O reconhecemos como Senhor e é Ele quem domina no nosso ser, então, o nosso tempo, os nossos talentos, o nosso tesouro e a nossa vida são propriedade Sua. Honraremos o Seu Sábado como santo. Não gastaremos dinheiro para nossa própria satisfação. Não comeremos nem beberemos aquilo que Ele nos disse ser impuro ou pecaminoso. Não deixaremos os nossos olhos vaguear sensualmente. Se o nosso futuro está nas Suas mãos, não faremos planos que O excluam desses mesmos planos.

Uma Pesquisa Importante

A coisa mais importante que hoje se pode fazer é pesquisar nos nossos corações algum vestígio do eu, arrependermo-nos daquilo que possa entristecer o nosso Salvador e abrir as nossas vidas à influência e à direcção do Espírito Santo. O processo da conversão é um processo contínuo. Podemos pensar que já entregámos o nosso coração a Jesus, mas o diabo esforça-se e convence-nos de que, não precisamos, na realidade de nos decidirmos imediatamente num compromisso total. Então a primeira coisa que ficamos a saber é que voltámos a retirar algo daquilo que pensávamos ter consagrado a Jesus.

Precisamos de submeter a nossa vontade e permitir que Jesus tome completamente a Seu cargo a nossa vida. Esta atitude não pode ser optativa, se temos a intenção de passar a eternidade com Cristo. Assim sendo, a questão continua a ser: «Até quando coxeareis entre dois pensamentos?»

A mensageira do Senhor, Ellen White, acentua: «Um renovamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Procurar consegui-lo deve ser a nossa primeira tarefa. ... Mas é a nós que cabe, pela confissão, humilhação, arrependimento e oração fervorosa, cumprir as condições segundo as quais Deus nos prometeu conceder-nos a Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 121.

Há então trabalho envolvido no assunto da salvação da alma. Não o trabalho das boas obras, da justiça gerada em nós mesmos, mas o trabalho do arrependimento, da crucificação do eu, de nos humilharmos diante de Deus.

Através do estudo da Bíblia e da oração, conseguiremos ter uma visão cada vez mais clara do que é o carácter de Jesus. Na medida em que Ele se for tornando o nosso herói pessoal, também nós quere-mos ir transformando a nossa vida à semelhança da Sua. E o mais importante é que Ele nos dará o poder que nos permitirá conseguir alcançar esse objectivo!

Arrependimento, reavivamento, reforma — é es-

ta a ordem em que eles devem ocorrer. Quando nos arrependemos dos nossos pecados, que podem incluir autocondescendência ou talvez apenas mornidão, Deus oferece-nos o perdão e um coração novo. «Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo» (II Cor. 5:17). Quando o amor de Cristo é implantado num coração, da mesma sorte que um perfume suave, não pode ficar oculto. ... O espírito de Cristo no coração é qual fonte no deserto; refrigera a todos os que se aproximam e desperta nas almas moribundas o anseio de sorver da água da vida.» — *Aos Pés de Cristo*, pág. 82. Esta promessa é tanto para o membro de Laodiceia, que passou por um reavivamento, como para o crente recém-convertido.

Estando esta Semana de Oração a chegar ao

fim, qual é a vossa resposta. Não desejareis procurar o Senhor com um espírito de arrependimento e permitir-Lhe que opere em vós a Sua vontade? Se o fizerdes, grande será a vossa alegria, a qual fará também transbordar o coração do nosso Salvador!

Perguntas para Discussão

1. Porque se arrependeu Israel depois de ter visto o fogo de Deus no Monte Carmelo?
2. Como se cumpriu a profecia do regresso de Elias?
3. Que está incluído na moderna mensagem de Elias?
4. Descrever duas atitudes extremas a propósito da justiça.
5. Qual pensais que seja a nossa mais importante tarefa de hoje?

**A oferta da Semana
Anual de Sacrifício deve
ser recolhida neste
momento**

«O Verbo Se fez carne e habitou entre nós»

Ele armou a Sua tenda entre nós
E veio viver no meio dos homens!
Entre nós,
Como um de nós,
Mas Luz verdadeira!
Veio para o mundo que criara
E o mundo não O conheceu!
Veio para os homens que amara
E Seu povo não O recebeu!

Era Rei
E viveu como Servo de todos;
Era bom
E sofreu o castigo dos que vivem sem lei;
Era o Salvador
E os homens recusaram o Seu amor!

*«O Verbo Se fez carne
«E habitou entre nós,
«E vimos a Sua glória
«Como a glória do Unigénito do Pai,
«Cheio de graça e de verdade»*

Ele armou a Sua tenda entre nós
E veio viver no meio dos homens!
Mais simplesmente
do que os outros homens,
Na palha,
Numa estrebaria
Em Belém...

Veio morar no meio de nós,
Entre nós,
Como um de nós,
Emanuel!

Veio trazer-nos a paz
A esperança e o amor,
Dizer-nos que é nosso Irmão
Nosso Amigo
E Salvador!

Ele, o Verbo divino,
Autor da Criação,
Armou a Sua tenda entre nós
E connosco veio morar!

*«Mas a quantos O conheceram
Deu-lhes o poder de serem feitos
Filhos de Deus»*

*«Vede quão grande caridade
nos tem concedido o Pai:
Que fôssemos chamados
Filhos de Deus!»*

Tomou a natureza humana
Fez-Se homem como nós
Uniu-nos num abraço imenso
Armou a Sua tenda entre nós!

Subiu ao Céu
E vive eternamente
Connosco,
Consolador
Todos os dias
Até ao final
Quando em glória e pureza
Veremos Jesus
no Lar Celestial!

M. R. Baptista

ESCOLAS BÍBLICAS

Todo o Caminho com Deus

Livros adoptados



Pedidos à

Livraria Adventista

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Preço: **150\$00**

Desconto de 50% para as Igrejas

Prezados Irmãos na fé espalhados por todo o mundo

As leituras para a Semana de Oração de 1985 baseiam-se nas experiências dos filhos de Israel, particularmente as que tiveram quando se aproximavam da fronteira da Terra Prometida.

Durante toda a época do Antigo Testamento, o povo de Deus recordou os poderosos actos de Deus, sobretudo a Sua intervenção destinada a arrancá-lo à escravidão e introduzi-lo na sua própria terra. Quando os perigos ameaçavam e sobrevinham dúvidas, quando os costumes das nações vizinhas tentavam Israel a apostatar, a história das acções salvadoras de Deus ajudou o Seu povo a manter-se estável e fiel.

A história sagrada tem igualmente muito para nos ajudar. Como lemos no Novo Testamento, estas coisas «estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos» (I Cor. 10:11). Precisamos atender as advertências do passado de Israel, a fim de ter coragem em ocasiões de perigo ou aflicção e confiar continuamente no Senhor, que é poderoso para salvar. Também nós estamos chegando à fronteira da Terra Prometida — a Canaã celestial.

Deus tem sido maravilhosamente bondoso com o Seu povo nestes últimos dias. A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma história de intervenções divinas para conduzir e libertar o Seu povo. Apesar das nossas falhas, fraquezas e insuficiências, Deus tem feito coisas muito importantes. «Que coisas Deus tem operado!» (Núm. 23:23). Portanto, como o Israel antigo, «nada temos a temer do futuro, a não ser que nos esqueçamos do modo como Deus nos tem conduzido e dos Seus ensinamentos na nossa história passada.» — *Life Sketches*, pág. 196.

Mais uma vez, as mensagens da Semana de Oração são enviadas à igreja em todo o mundo por intermédio da *Revista Adventista*. A própria *Revista*, agora no seu centésimo trigésimo sexto ano de publicação (em língua inglesa), é um exemplo da bondade e direcção divinas. Fundada não sobre planos humanos ou bases financeiras, mas numa visão divina, a revista da igreja desde muito cedo se afirmou como âncora espiritual e «uma voz» dirigida à igreja. Tornou-se inseparável da igreja. Através dos anos em relatado a história da igreja, e continua a fazê-lo.

Todos os adventistas precisam da *Revista Adventista*. Precisamos da informação, da inspiração, da ligação às nossas raízes que somente essa revista proporciona. Na medida em que experimentardes um reavivamento e uma renovação, durante esta semana, recomendo a todos vós a *Revista Adventista*. Mantende o fogo sagrado aceso tornando-vos leitores regulares da *Revista*.

Em breve faremos a travessia para entrarmos na terra celestial, a Terra da Promessa pela qual o povo de Deus de todas as épocas tanto tem esperado. Em breve o nosso Salvador virá. Desejo encontrar-me convosco na Canaã celestial! Sinceramente vosso irmão,



Presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia